

INTRODUÇÃO

- **Localização e integração das termas no contexto das ruínas.**

As termas de Tróia foram pela primeira vez identificadas como um edifício com funcionalidades lúdicas/balneares em 1856, na sequência de trabalhos de desassoreamento, levados a cabo pela *Sociedade Archeologica Lusitana*, que deixaram à vista, parcialmente, a construção.

Só cem anos volvidos, em 1956 portanto, viriam a ser objecto de escavações sistemáticas, por iniciativa da *Junta Nacional de Educação*, dirigidas e coordenadas pelo *Museu Etnológico*.

Neste ano ficou à vista o estabelecimento termal bem como parte de uma outra estrutura edificada, a qual não foi imediatamente individualizado das termas. Tendo os trabalhos continuado a norte no ano seguinte, verificar-se-ia tratar-se, esse edifício ao qual as termas se encostam, duma oficina de preparação e transformação de pescado.

Em 1990 e 1991 uma equipa luso-francesa, envolvida num grande projecto de estudo sobre indústrias de conservação e transformação de pescado no baixo-vale do Sado, levou a cabo um levantamento arquitectónico do núcleo melhor conservado e, para mais, escavado, das ruínas: justamente o núcleo em que se inserem as termas.

Neste estudo foram individualizadas duas grandes unidades de produção de conserva e preparados de peixe, designadas fábrica I e fábrica II. Na opinião dos autores, publicada em 1994 (Étienne, R. Makaroun, Y. e Mayet, F. (1994) – *Un Grand Complex Industriel a Tróia* (Portugal). Paris: Diffusion E. de Boccard), as termas integrar-se-iam arquitectónica e funcionalmente neste complexo oficial (fig. 1).

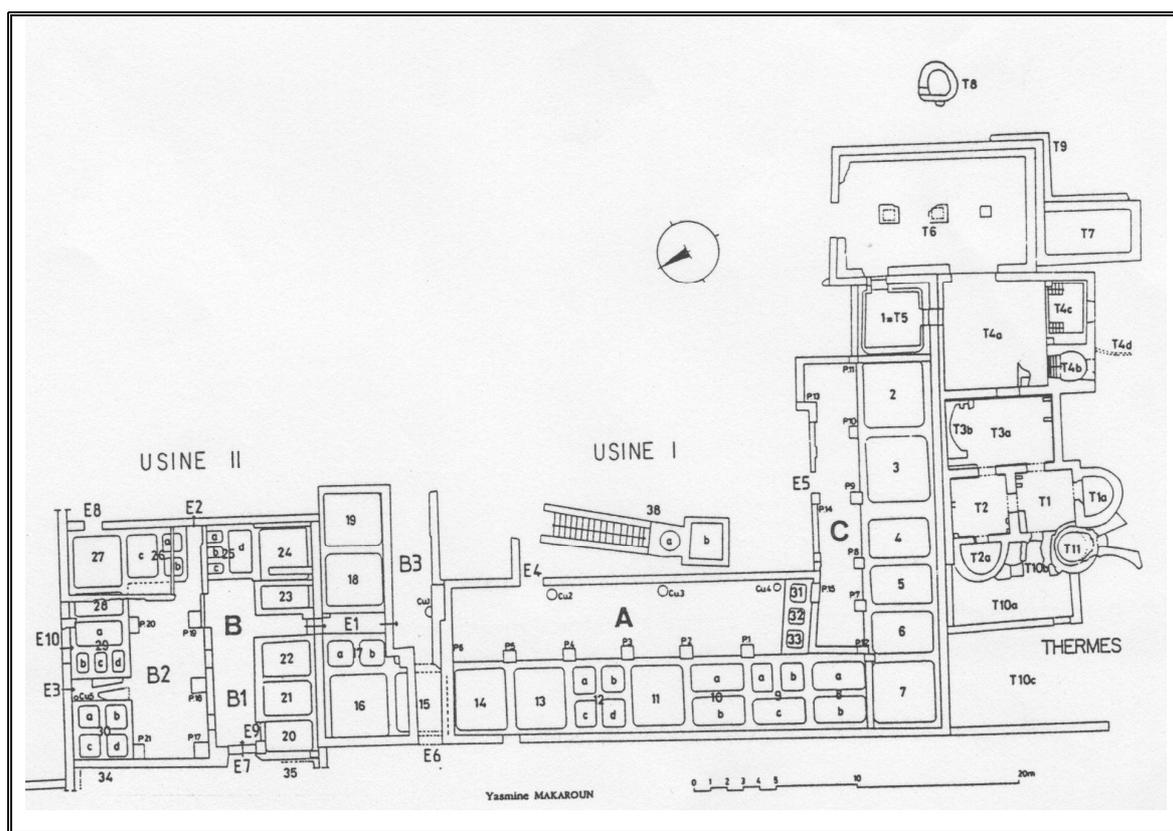


Fig. 1 – Planta das fábricas I e II e das termas (reduzida)

- **Termas privadas, públicas ou semi-públicas.**

Étienne, Makaroun, e Mayet, (1994) são da opinião de que o conjunto de edifícios, em que se integram as termas, pertenceu, pelo menos durante um dos períodos de laboração das “fábricas”, a um mesmo e só proprietário. “*Pensamos que aí há sob a duna oriental a domus do proprietário do complexo industrial, domus que está ligada às termas privadas ao sul, à fábrica II a oeste e provavelmente à fábrica I.*” (p. 162).

Este balneário seria portanto, segundo estes autores, para uso particular.

Jorge de Alarcão (1988) defende uma posição diversa. Para este autor, estas termas, contíguas às cetárias, poderiam ser para uso do pessoal que aí laborava. (cf. p.130)

- **Ambivalência do calor produzido no *prae-furnium* das termas.**

A contiguidade espacial do balneário relativamente à área industrial tem sido a causa de interrogações sobre a utilização ambivalente do calor produzido no *prae-furnium*: O. Da Veiga Ferreira (1967) levantou a hipótese de as termas terem servido também de apoio às fábricas de salga, cumulativamente com a sua função principal.

O fabrico dos molhos implicava a maceração do peixe em sal num tanque durante dois a três meses sob sol quente. É natural que em complexos produzindo de forma «industrial», sujeitos portanto às exigências do mercado, se procurasse acelerar a evaporação e a fermentação dos preparados: ou para tornar o processo mais rápido ou para apurar o seu paladar e textura, através do recurso a calor produzido por fornalhas, o qual elevaria a temperatura a 40/50 °C.

- **Datações.**

As escavações antigas tinham como objectivo desembaraçar as construções das areias, pelo que terminavam, regra geral, ao nível dos pavimentos, tocando só as camadas de abandono. As escavações realizadas em 1956 tiveram como objectivo expor as estruturas e recolher materiais, mas o registo estratigráfico mostra a perturbação e contaminação dos contextos.

Nos anos 90, ao contrário do que foi possível fazer para a fábrica contígua (cf. Étienne, Makaroun e Mayet, 1994), - estabelecer fases de utilização compatíveis com reestruturações arquitecturais -, na zona das termas pouco mais se pode registar que a última fase de ocupação, dado o bom estado de conservação do edifício.

- **A formação da colecção do Museu Nacional de Arqueologia.**

Os materiais provenientes das termas de Tróia foram recolhidos em contextos de abandono: o que ficou e o que foi para aí arrastado pela contínua movimentação das dunas.

Os contextos de recolha não são identificáveis. As designações podem ser tão abstractas como, por exemplo «barreira sudeste», (de onde?) Ou tão vagas que não permitem contextualizações, como seja, «Termas».

Como agravante surge ainda o facto do material inventariado como pertencente às «Termas», poder pertencer à oficina contígua a norte, que ainda não estava individualizada em 1956.

Há ainda a acrescentar que nem todo o material proveniente das termas é referido como tal no Inventário do Museu Nacional de Arqueologia (MNA). À medida que a informatização do mesmo vai sendo realizada, pela equipa de escavações de Tróia, identificam-se contextos, através da designação das salas, que não estavam inventariados como provenientes de: «Termas».

Existem também materiais inventariados com a designação «Termas» e a data de 1959, quando as escavações destas foram consideradas encerradas em 1956. Nada impediria a sua retoma, mas só estão registadas intervenções na zona (das termas e das fábricas I e II), nessa época, em 1956, 1957 e 1958.

I. As termas de Tróia: notícias, descrições e trabalhos

1. Os trabalhos da *Sociedade Archeologica Lusitana*

Embora das ruínas de Tróia, em geral, já se conhecessem referências pelo menos desde o século XVI, às termas em particular só foi, porém, feita menção pela primeira vez em meados da centúria de oitocentos, no âmbito de trabalhos levadas a cabo por iniciativa da *Sociedade Archeologica Lusitana*.

De 5 de Outubro de 1855 a 12 de Abril de 1856 esta Sociedade realizou a sua segunda época de trabalhos em Tróia (as duas primeiras campanhas tinham tido lugar em 1850/1851). A 15 de Novembro de 1857, o jornal *O Setubalense* publicava um relatório de 21 de Dezembro de 1956, assinado por três dos sócios directores da mesma - José de Groot Pombo, Sebastião Maria Pedrozo Gamitto e João Carlos d'Almeida Carvalho-, em que se podia ler que:

Ao longo da alagôa, dessoterráram-se umas Thermas, e n'ellas, em uma das salas, onde ainda se divisava haver sido guarneçada de marmores, encontrou-se uma banheira também de marmore guarneçada. A esta sala está contigua uma outra, que lhe dava serventia ou que para ella tinha comunicação e cujo pavimento é de mosaico de pedra dura, de optimo trabalho e do qual se conservam porções em muito bom estado.

Este relatório contém a primeira alusão divulgada às termas de Tróia.

Em 1896, João Carlos de Almeida Carvalho volta a referir-se às termas agora num panegírico à *Sociedade Archeologica Lusitana*, entretanto extinta, dizendo que,

ahi estão os restos de optimas thermas, que foram ornadas de columnas de marmore, de mosaicos, e as suas paredes interiores faceadas de marmores de varias côres, assim como o edificio embelezado de outras obras d'arte.
(Carvalho, p. 51)

Apesar de ser presidida pelo duque de Palmela e de contar com a protecção Real, a *Sociedade Archeologica Lusitana* rapidamente soçobrará.

Os mecenas afastaram-se, falecido o presidente honorário – o duque de Palmela - sobretudo quando não se previam vantagens económicas decorrentes do projecto. O desinteresse dos próprios sócios tornara-se evidente, afastados de Setúbal por deveres profissionais. A sociedade portuguesa não estava também ainda preparada para a descentralização que a actividade da Sociedade implicava: as autoridades locais, em Setúbal, não manifestaram qualquer interesse, na criação de um museu, onde se recolheria o espólio obtido em Tróia.

A *Sociedade Archeologica Lusitana* extinguir-se-ia oficialmente em 1867, já depois de muito tempo praticamente inactiva.

Quanto às estruturas que tinha desenterrado:

Edifícios de diversa formas e fabricas, altas e espessas paredes, inclusive as de templos e de thermas, túmulos e sepulturas de maiores ou menores dimensões, mosaicos e argamassas, estuques de diversas cores, e ainda outras obras d'arte tudo por lá ficou á mercê do vandalismo, que o tem ido destruindo, salvando-se apenas aquilo que as proprias areias teem tido, por assim dizer, o cuidado de cobrir e occultar. (Carvalho, p.46-47)

Da intervenção da *Sociedade Archeologica Lusitana* em 1856, na área das termas de Tróia, desconhecem-se os pormenores. Sabemos apenas que se identificou, correctamente, um estabelecimento termal e que se removeram parcialmente as areias que cobriam o edifício.

Ficou registada a existência de uma sala, que ainda se podia divisar haver sido guarnecida de mármore e que tinha uma banheira também de mármore guarnecida. Com esta sala comunicava uma outra, pavimentada de mosaico, do qual se conservavam ainda porções em muito bom estado. Registrar-se-iam também, além dos mármore e mosaicos, colunas de mármore e obras de arte (não especificadas) que embelezariam o edifício.

2. Viajantes do século XIX

Segundo Marques da Costa, em 1858, o notável geólogo e arqueólogo Carlos Ribeiro visitou Tróia, tendo descrito as ruínas num caderno de apontamentos manuscrito: *Livro de viagem de Carlos Ribeiro - «Digressão a Troia em Março de 1858»*. Este manuscrito existia na sede da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal e Paul Choffat mandou tirar cópia que lhe ofereceu (Costa, 1929: 166). Descreve aqui as ruínas, e a sua envolvente, de modo breve, objectivo e sistemático. Diz das termas:

Mais para N. O. ou agua abaixo, nas visinhanças da capella da Snr.^a da Troia ainda se vêem: uma casa grande (...) e umas thermas encerrando uma sala com o pavimento de um belo mosaico. (cit. Costa, 1929: 171-172)

Em 1864 quando a *Sociedade Archeologica Lusitana* já não apresentava grande actividade (extinguir-se-ia oficialmente em 1867), a *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses* procurou estabelecer contactos com ela, para conjugarem esforços e continuarem as escavações nas ruínas de Tróia. Não se chegou a acordo.

Esta associação tentou (sem efeito) alertar o Governo para a pertinência da aquisição dos terrenos das ruínas de Tróia, a qual se tornava premente sobretudo em 1873 quando,

a tripulação de um navio de guerra britânico ousara arrancar um mosaico da zona do caldarium do complexo balneário de Caetobriga, mediante o uso de picaretas e alavancas (Martins, 2002: 199).

Pinho Leal também terá estado em Tróia em 1876. No seu *Portugal Antigo e Moderno*, não deixa de referir as ruínas e, na opinião de Fernando Castelo-Branco

(1963: 26) referiu até as termas, embora de forma totalmente equívoca. Esta descrição não deixa de ser de grande interesse pelo seu colorido:

Um pouco mais acima d'esta casa, [uma grande casa desmantelada de construção moderna, pertencente ao morgado de Tróia], foi desenterrado parte de um edifício que me pareceu mosteiro de vestaes, composto de algumas cellas circulares, e outras casas. O pavimento é construído de pedrinhas muito miúdas, incrustadas em argamaça, perfeitamente alizada e durissima; mas os vandalos modernos o teem desfeito, a picão, em muitas partes, pelo simples prazer de destruirem. Nas paredes interiores, ainda se vêem pinturas a fresco, com as côres tão vivas, como se fossem pintadas hoje. (Leal, 1880: 211-212)

Pelos anos setenta do século XIX, Gabriel Pereira desenhou uma planta das termas de Tróia. Está incluída num pequeno *album de desenhos* a lápis e à pena, assinados na sua quase totalidade e referenciados no verso por letra que a Rocha Madahil - que o publicou - se afigura indubitavelmente como sendo de Gabriel Pereira (Madahil, 1947). Deste álbum constava uma planta legendada como sendo de um edifício romano de Troia, templo e termas (est. 8, entre as pp. 32 e 33).

Apesar das incorrecções, nas delimitações e nas atribuições de funções aos espaços, fornece já uma boa ideia do traçado do edifício termal (fig. 2).

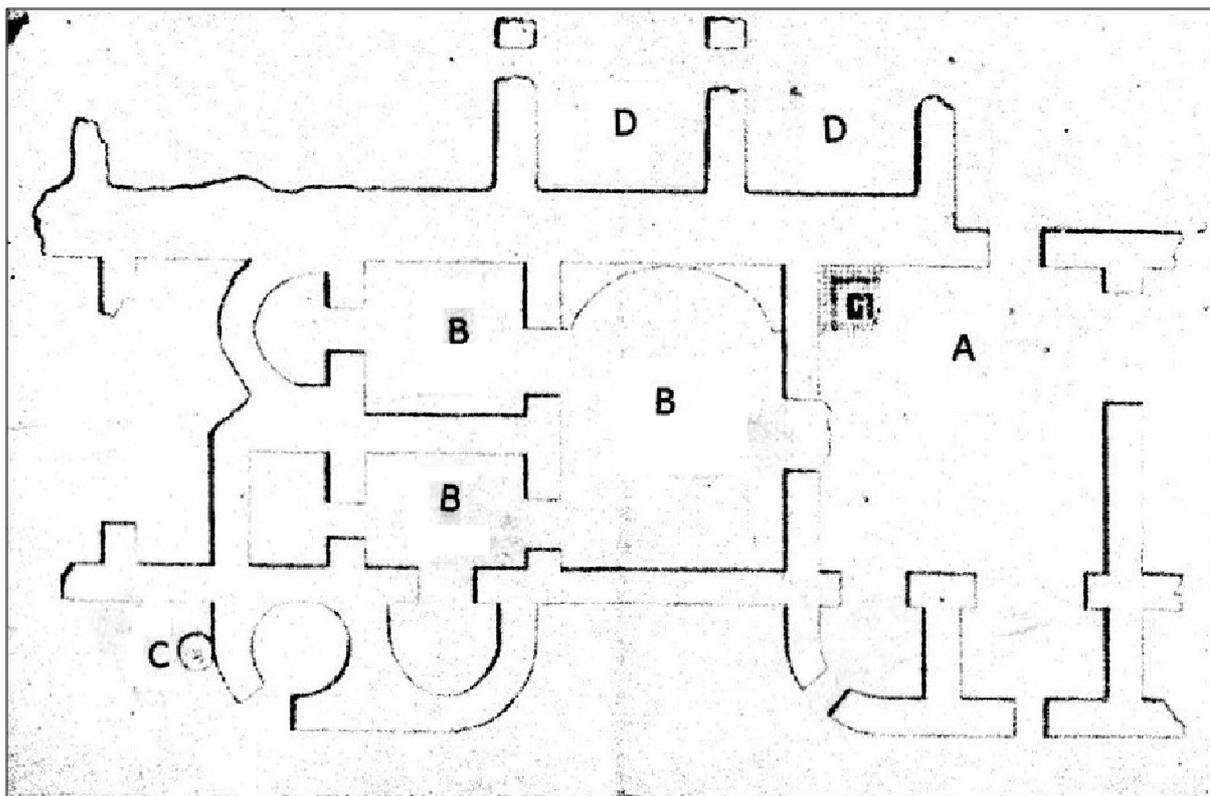


Fig. 2 – Planta de Gabriel Pereira, sem escala

Esta planta apresenta em legenda: “Planta (aproximada) de um edifício romano de Troia (Cetobriga) Templo e Termas: A.- Sala com pavimento de mosaico; B. B.– Salas com pavimentos inferiores de quase dois metros ao da sala A; C.- Coluna de mármore; D. D.- Compartimentos de banhos.”

Na planta desenhada por Gabriel Pereira (fig. 2), verificamos que ainda não havia sido descoberto o compartimento mas tarde designado por *sphaeristerium* e posteriormente por Sala dos Três Pilares (**sala T6**).

Gabriel Pereira apresenta a ilustração dum fragmento de mosaico no canto noroeste do *caldarium*. Em 1956, no Diário de Bandeira Ferreira este diz - a folha 16 - que no local onde Gabriel Pereira, há mais de 70 anos, vira um bocado de mosaico o pavimento se encontrava agora liso, mas junto da parede NW encontrou-se uma pequena fiada de *tesselae* brancas ainda aderentes ao pavimento; mais para o centro da sala viriam a encontrar o mosaico, o que suscitou o comentário de que talvez tivessem encontrado os frisos mais internos, dum larga moldura, da qual Gabriel Pereira teria deparado com o friso mais externo.

Também desenha uma coluna de mármore – C - encostada ao exterior do *alveus* sul do *caldarium*, estava naturalmente deslocada e apesar da proximidade talvez nem pertencesse às termas. No Diário de Campo de 1956, no dia 10 de Novembro menciona-se, junto a parte do muro SW da designada sala B, junto ao *alveus* 2, o aparecimento de um pedaço de fuste liso, que se diz já ser assinalado na planta de Gabriel Pereira.

Gabriel Pereira verifica a existência de solos rebaixados, sem os atribuir porém a um sistema de *hypocaustum*. Equivoca-se identificando os tanques de salga, da fábrica contígua, com compartimentos de banhos.

3. A viragem do século

Por Decreto de 20 de Dezembro de 1893, publicado no *Diario do Governo* n.º 290 de 22 do mesmo mês, foi criado o *Museu Ethnographico Portugues* que, por Decreto de 26 de Junho de 1897, passaria a intitular-se *Museu Ethnologico Portugues*.

Em 1904, o seu primeiro director, José Leite de Vasconcelos, começou a pressionar as instituições públicas, que tinham antiguidades à sua guarda, a transferi-las para o *Museu Ethnologico*. Tirando partido da constituição do Museu conseguiria incorporar neste, entre outras, a colecção dos materiais extraídos em Tróia pela *Sociedade Archeologica Lusitana*, e que esta, aquando da sua dissolução, entregara à guarda do Estado português (à *Academia Portuguesa de Bellas Artes de Lisboa*).

Em 1910, através do seu prestígio e influência como director do *Museu Ethnológico*, Leite de Vasconcelos conseguiu que as ruínas de Tróia fossem consideradas monumento nacional. No entanto, todos os que quisessem, mediante autorização dos proprietários, como sempre havia sido, podiam, além de continuar a recolher objectos, realizar aí escavações.

4. As termas de Tróia segundo Maximiano Apollinário e Marques da Costa

Durante a época de Leite de Vasconcelos não houve trabalhos de escavação na área das termas. É a Maximiano Apollinário, adjunto do então *Museu Ethnographico*, que devemos a primeira descrição relativamente pormenorizada, acompanhada duma planta, das termas de Tróia (Apollinário, 1897).

Nesta planta as termas não apareciam ainda individualizadas das fábricas de salga que lhe ficam contíguas, o que só viria a suceder depois das escavações de 1956, constando dela – da planta - portanto, também parte do que se viria a verificar fazer parte do complexo fabril anexo, nomeadamente a, futuramente, denominada sala *H*.

No geral, quanto ao traçado esquemático do edifício, mostrava-se a planta muito completa, só não constando o compartimento que viria a ser designado por *J* nos trabalhos de 1956:

Das Thermas de Troia ainda hoje existem restos dos alicerces e de velhas paredes em partes desmoronadas - A figura representa em planta o conjuncto da parte d'essas minas que hoje se acham a descoberto.

A julgar por essa planta, a entrada do edificio seria pelo lado sudoeste. - Para entrar no edificio atravessava-se o prothyrium A e passava-se ao vestibulo B, que comunicava por um lado com o caldarium C (camara thermal) e por outro com o vasto recinto I.

No caldarium achava-se de ordinario o labrum, que devia estar no topo da sala ao lado onde se vê ainda um massiço arredondado de alvenaria, e pouco mais ou menos no ponto indicado a.

O labrum era uma vasta bacia com agua, cujo bordo se elevava de um metro, proxivamente, a cima do pavimento, e onde se faziam as abluções da cabeça e do tronco,

D e E procediam os alvei F - compartimentos que recebiam tinas de banhos especiaes. Entre G e D encontraram-se, por sob o alveus, vestigios de fornalhas de aquecimento.

Na parte posterior H ainda se vêem os restos de grandes piscinas, deixando ver ainda nalguns pontos o seu revestimento de mosaico.

O recinto I constituiria o *sphaeristeria*, isto é, o lugar destinado aos exercícios físicos como o jogo da bola, que lhe deu o nome.

A construção das paredes era em grande parte de alvenaria de tijolo.

O fundo dos alvei era formado por uma especie de beton muito resistente, formado por fragmentos de tijolo cimentados por argamassa de cal com muito pouca areia. - Num d'esses alvei ainda restavam vestigios do revestimento do mosaico. (Apollinário, 1897: 160)

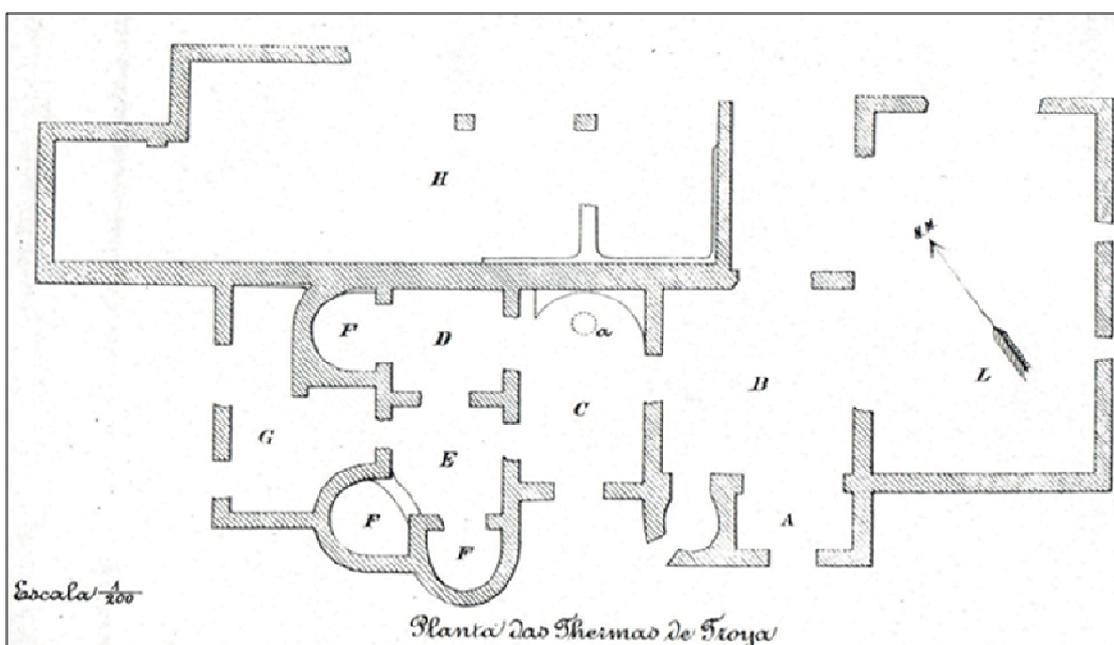


Fig. 3- Planta de Manuel Apollinário (apresenta-se reduzida)

Estava agora já visível a grande Sala dos Três Pilares, que Manuel Apollinário designa como *sphaeristeria* (ou seja o lugar destinado aos exercícios físicos, como o jogo da bola, a que se devia esta designação), julgou este que a entrada se faria pelo sudoeste, onde ficam os tanques do *frigidarium*, sendo a sala B o vestíbulo.

Registou a possível existência dum *labrum*, devido ao maciço de alvenaria – a - no topo da sala C.

Identificou e localizou correctamente as fornalhas do *hypocaustum*.

Na sala H, que se sabe hoje não fazer parte das termas (mas de uma oficina de transformação de pescado), diz verem-se grandes piscinas, que deixariam ainda ver em

alguns pontos revestimento de mosaico. Trata-se de um equívoco, pois os tanques de salga não teriam certamente mosaicos.

Regista ainda pormenores de construção, como a utilização de alvenaria de tijolo em grande parte da construção das paredes e a utilização de *opus signinum* como revestimento dos *alvei*. Regista ainda que num desses *alvei* ainda restavam vestígios do revestimento do mosaico.

Quando em 1897 Maximiano Apollinário procede à sua descrição verifica-se que, devido a causas naturais e aos trabalhos da *Sociedade Arqueológica Lusitana*, o afastamento de areias permitia já visualizar as linhas gerais de divisão dos compartimentos e até mesmo a correcta identificação da função de alguns destes. Embora pensasse que a entrada se fazia por um local que mais tarde virá a revelar ser uma piscina e que os tanques das cetárias eram piscinas, define correctamente as zonas de *caldarium*, *frigidarium* e *tepidarium*.

Os primeiros autores a debruçarem-se sobre o «dossier» Tróia fizeram-no com mescla de erudição e lenda, foi Marques da Costa (professor da Escola Industrial e Comercial de Lisboa) quem introduziu os primórdios de uma investigação cientificamente dirigida. (Gonçalves, 1965: 8) No início do século XX conduziu escavações em Tróia com preocupações metodológicas, como a leitura estratigráfica através dos cortes efectuados no terreno, (Martins, 2003-2005: 76).

Em finais do século XIX Marques da Costa dizia que,

na antiga cidade deviam habitar famílias ricas, talvez de exportadores de peixe, e que viviam com certo conforto e luxo, como o provam as thermas, o columbarium e outros edifícios. (1898: 348)

Em 1924 descrevia assim as termas:

Vêm-se ainda, em grande parte descobertas, as ruínas dumas interessantes termas romanas, onde ainda se descobrem grande parte dos seus

compartimentos, alguns tapetados de mosaicos do género vermiculado (opus vermiculatum), sendo um dêles em forma de abside, com um banco de alvenaria encostado à parede semi-cilíndrica e destinado a contornar uma bacia de mármore. Os banhistas aí lavavam e raspavam, com uma espécie de faca (strigla), a pele a escorrer suor; pois que esta abside se abria por meio dum grande vão em forma de arco, para uma casa rectangular onde o ar devia ser bastante quente e produzir no banhista abundantes suores, por o pavimento da casa ficar sôbre uma espécie de cave (hypocaustum), onde circulavam os produtos de combustão da lenha que ardia numa fornalha a poucos passos.

Nestas termas também se vêem distintamente duas piscinas para banho, uma rectangular e outra cilíndrica, ambas forradas de folhas de mármore ligadas às paredes com pregos de cobre de que ainda se vêem vestígios. (Costa, 1924: 318-319.)

Em 1924 regista a pavimentação de grande parte dos compartimentos com mosaico; um compartimento em forma de abside com um banco de alvenaria encostado à parede semi-cilíndrica, que julga destinado a contornar, e não a sustentar, uma bacia de mármore; o sistema de *hypocaustum* e as fornalhas. Também diz verem-se distintamente duas piscinas para banho, uma rectangular e outra cilíndrica, ambas forradas de folhas de mármore ligadas às paredes com pregos de cobre dos quais ainda se vêem vestígios.

Marques da Costa não parece ter procedido a escavações *tout court*, mas sim acompanhado as explorações do proprietário do terreno para obter materiais de construção (Maciel, 1996: 201). Em 1924 dá conta da descoberta da basílica em obras de terraplanagem em redor do local onde se estava a construir a casa do sr. Soto Maior (Costa, 1924) e em 1933 da extracção de materiais da basílica também para reutilização nessa obra (Costa, 1933).

II – Estação arqueológica de Tróia: os trabalhos de 1956.

1 - A estação arqueológica de Tróia.

Em 1929 o Professor Doutor Leite de Vasconcelos aposentou-se, sendo substituído, na direcção administrativa e científica do *Museu Etnológico*, pelo seu assistente e conservador do Museu, Doutor Manuel Heleno.

Manuel Heleno obteve, para 15 de Setembro de 1948, o consentimento da *Sociedade Agrícola de Tróia* para iniciar novas explorações nos terrenos desta.

Em 1948, sob a égide do *Museu Etnológico*, será então criada a Estação Lusitano-Romana de Tróia, sendo a direcção atribuída ao director do Museu, Manuel Heleno.

Com este acto, dá-se-à azo ao início de uma nova etapa de trabalhos em Tróia, que se irá prolongar por alguns anos. Coube a sua direcção a Manuel Heleno, que contou, para estas, com equipas do *Museu Nacional de Etnologia* e da Faculdade de Letras de Lisboa.

Durante este período, além de escavações, ensaiaram-se modernas técnicas de prospecção, tendo-se procedido a levantamentos aéreos de grande parte da zona das ruínas e a prospecções subaquáticas na lagoa da Caldeira.

2- Os trabalhos de 1956

Em 1956, a Junta Nacional de Educação foi dotada com verba melhorada para proceder a escavações em Tróia, tendo proposto que as dirigisse o seu vogal Manuel Heleno, com a colaboração dos seus antigos e actuais assistentes, proposta que foi aprovada por despacho ministerial de 28 de Janeiro de 1956: *“Proposta: a 2.ª Subsecção da 6ª Secção da Junta Nacional de Educação: Tendo tomado conhecimento de que, por oportuna iniciativa de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, foi inscrita no Orçamento Geral do Estado, para o ano de 1956, uma avultada dotação extraordinária destinada a intensificar o estudo do porto romano de Tróia, ... Setúbal (monumento*

nacional, por decreto de 16 de Junho de 1910); tendo ouvido do vogal Doutor Manuel Heleno o relato, largamente documentado, dos resultados de quatro recentes campanhas levadas a efeito naquela importante estação arqueológica pelo Museu Etnológico do D.^{or} Leite de Vasconcelos, sob a orientação daquele vogal e com a participação de pessoal desse estabelecimento científico e de assistentes e alunos da cadeira de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa; e tendo reconhecido a necessidade do estudo comparativo dessa estação com outras situadas na vizinhança; tem a honra de propor que o vogal desta subsecção e director do Museu Etnológico do D.^{or} Leite de Vasconcelos, Doutor Manuel Domingos Heleno Júnior, seja incumbido de fazer prosseguir, com a intensidade que os novos recursos orçamentais proporcionam, a exploração do porto romano de Tróia, conjugando-a com o estudo da estação arqueológica de Alcácer do Sal, suspenso desde que o falecido professor e vogal desta subsecção, Doutor Vergílio Correia, deixou de pertencer ao quadro do referido Museu.” (cit. Machado, 1964: 168)

Em 1956 inicia-se então o período áureo de escavação das termas. Coube a sua direcção a Manuel Heleno e Bandeira Ferreira, vogais da Junta Nacional de Educação e, respectivamente, director do *Museu Ethnologico* e professor na Faculdade de Letras e adjunto do mesmo Museu e assistente da mesma Faculdade.

Os trabalhos começaram a 23 de Agosto sob a supervisão de Jaime Roldão, funcionário do Museu. O processo de escavação das termas foi dado como terminado em 1957.

Destas escavações adveio para o Museu o espólio arqueológico das termas e das instalações contíguas de transformação de pescado.

Dos trabalhos de 1956 conta-se com minucioso diário manuscrito e ilustrado (com desenhos e fotografias) por Bandeira Ferreira, substituído nesta tarefa de registo por Jaime Roldão em alguns, poucos, dias em que doença ou obrigações na Faculdade de Letras o impediram de estar presente. De Manuel Heleno existem também registos e descrições, dos dias em que visitou os trabalhos.

As termas eram, como se tem visto, já parcialmente conhecidas, pelo menos localizadas e identificadas, mas também delineadas no seus grandes traços, não se suspeitando porém que faziam parte, arquitectónica e, quem sabe, se não também funcionalmente, dum grande complexo officinal de transformação de pescado.

3. Descrição dos trabalhos

3.1 O planeamento

A 12 de Agosto de 1956 tinham início os preparativos para um período de escavações em Tróia, que se pressupunha virem a assumir larga escala, o que implicaria a remoção de grandes volumes de areias que seriam transportadas por vagonetas em via-férrea. As areias seriam lançadas em áreas supostamente estéreis do ponto de vista arqueológico e onde também não causassem prejuízos doutra espécie, nomeadamente contribuir para o constante assoreamento do estuário do Sado. Arqueologicamente, tendo em conta as investigações até então realizadas, inclusive fotografia aérea, não existiam ruínas na Caldeira e o estuário do Sado atingia profundidades consideráveis logo a 250 m da margem, pelo que não existiriam ruínas, embora pudesse haver detritos avulsos da estação a essas profundidades.

No capítulo das escavações propriamente ditas, decidia-se, nessa campanha, efectuar a limpeza de uma ou duas das áreas mais interessantes das ruínas, e já mais ou menos bem conhecidas, e, ao mesmo tempo, escavar minuciosamente uma zona ainda não explorada (talvez o cemitério da Caldeira, começado a explorar em 1948). A 19 de Agosto, com a presença de Manuel Heleno, viriam a revelar-se como mais simples e interessantes para intervir a zona do *mitraeum* e a das termas (fig. 3). Decidiu-se iniciar a campanha com a limpeza das termas, localizadas sem grande dificuldade pelo Professor Manuel Heleno, pois estavam já em parte a descoberto.

3.2. Trabalhos preliminares

A 23 de Agosto começavam as escavações preliminares para a colocação duma “décauville”, para remoção das areias. Para reduzir os declives seria necessário abrir valas com taludes laterais, visto as areias não terem consistência.

Para reduzir o declive das termas para a praia da Caldeira, onde iriam ser drenadas as areias, decidiu abrir-se uma vala junto da e paralela à que viria a revelar ser a parede este do tanque **T4b** do *frigidarium* e que já estava há muito a descoberto. Os trabalhos iniciaram-se com duas sondagens. Tal precaução de imediato se mostrou necessária, pois em breve uma sondagem encontraria a parede sul dos tanques do *frigidarium*. Continuando a escavar ao longo desta parede encontrar-se-ia uma abertura na parede sul do tanque **T4c**, no enfiamento da qual se abriu a vala, para a penetração da via-férrea dentro das ruínas.

Abriram-se novas sondagens, entre as termas e a praia para verificar se não havia outras ruínas imersas. Os detritos encontrados, incluindo o que pareciam ser os restos talvez duma sepultura há muito destruída, não justificaram a alteração do traçado da via.

A 30 de Agosto, construída a vala e o aterro e montada a via, principiava a escavação propriamente dita. Dada a posição da via decidiu-se iniciar a exploração pela área este do edifício termal que, fazendo fé nas plantas já publicadas até aquela data, compreenderia apenas uma grande sala designada em 1956 por *sphaeristerium*.

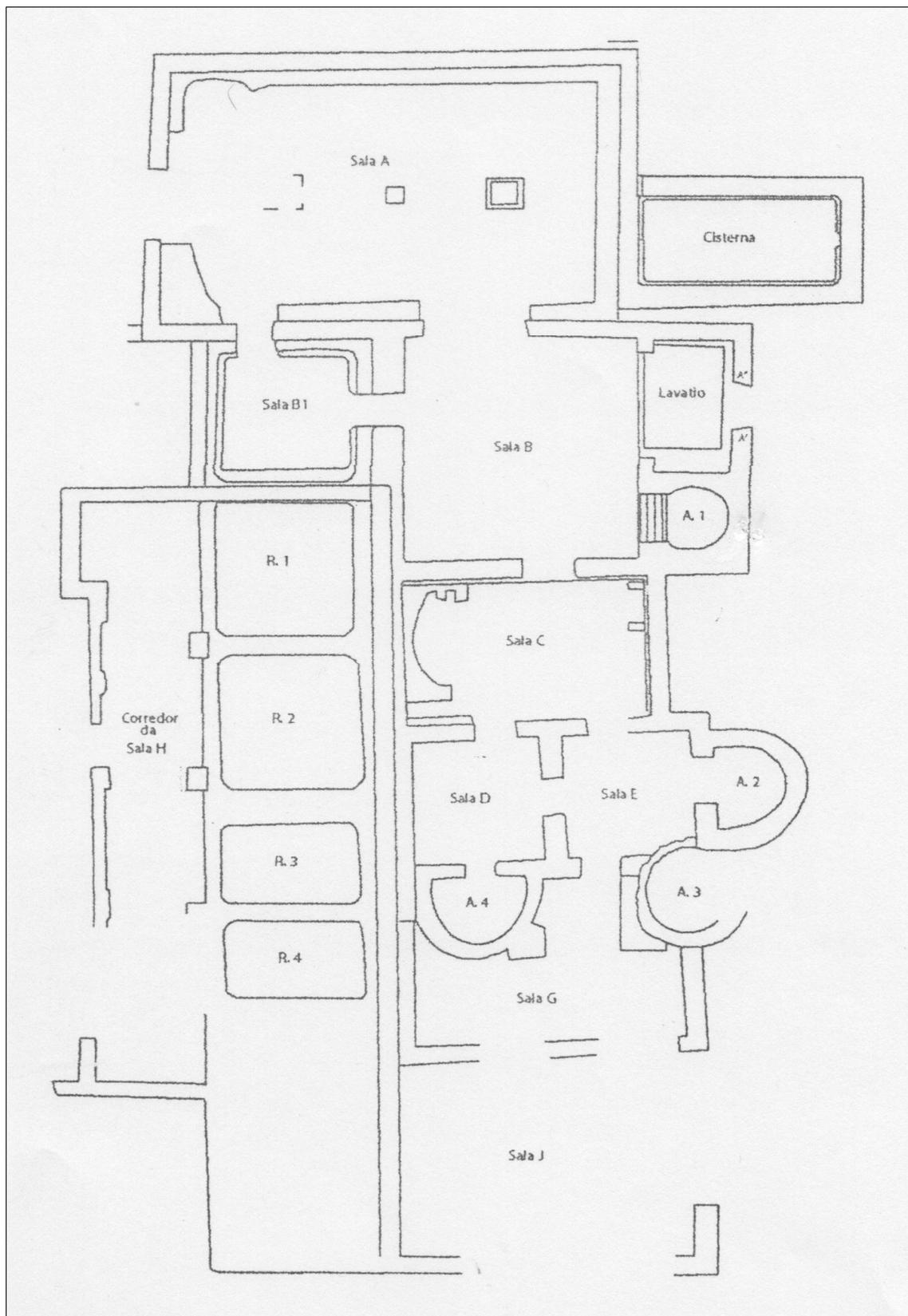


Fig. 3 – Esboço de planta das termas a partir de desenhos de campo e plantas parciais de Bandeira Ferreira (sem escala)

3.3. A escavação

A Sala dos Três Pilares

Os trabalhos de delimitação da *grande* sala sul oriental ou *sphaeristerium* (T 6) decorreram a partir de 5 de Setembro. Parte dos muros já estava a descoberto.

A primeira fase dos trabalhos era sempre a da delimitação do compartimento que se iria limpar: limpava-se a área de plantas rasteiras e removia-se uma camada de terra apelidada de vegetal; sob esta entrava-se nas areias.

Durante este processo, identificou-se uma caleira no exterior da parede, a sudeste.

Este compartimento apresentaria na generalidade (salvo uma intrusão no canto nordeste de matérias do exterior, ocorrida depois destruição da parede) uma camada de areias claras com algumas pedras grandes, especialmente junto aos muros, e outros materiais de derrube de construção; sob esta, uma camada de areia castanha com materiais de construção, cerâmica (fina, comum, ânfora), ossos, conchas, pregos; e uma última camada, sobre o pavimento, de areia castanha clara, com pedras e cacos.

Na camada superior registou-se alguma contaminação: à cota de -1,20 m: no centro da sala, encontrou-se um fragmento de copo de vidro contemporâneo; junto ao muro sul e a -0,60 m do seu topo, duas grandes pedras queimadas, vestígios de uma fogueira feita há não muitos anos.

A sala foi sendo escavada formando montes de areia que, sucessivamente, se iam deslocando até mais perto da vagoneta de transporte. Escavava-se horizontalmente de início. Iam também sendo efectuadas sondagens, para calcular a distância até ao pavimento: estas revelavam que os muros atingiam, pelo menos nalguns pontos, alturas de mais ou menos 3 m.

Dia 14 de Setembro decidiu-se a abertura duma vala de equilíbrio exterior, para eliminar os perigos da pressão sobre as paredes. A 15 de Setembro abriu-se a vala de equilíbrio em quase toda a extensão do muro sul. A abertura desta vala permitia também dar um aspecto mais agradável às ruínas, colocando a descoberto a face externa dos

muros. As areias da vala foram sendo atiradas para dentro da sala donde posteriormente seriam mais facilmente retiradas. Este método tornava inevitáveis as contaminações, tal como os montes que se formavam para levar as areias até à vagoneta. A 8 de Novembro terminava a retirada das areias do talude sul, ficando desafogados os exteriores da cisterna e o canto sul do *sphaeristerium*.

A 20 de Setembro decidiu-se abrir uma vala de equilíbrio também ao longo da parede norte no decurso de cujos trabalhos se descobriu uma zona de lixeira, muito rica em materiais, inclusive orgânicos.

Nesta vala foi colocado a descoberto um conjunto funerário constituído por uma sepultura coberta de tijolos e *imbrex* e outras duas em ânfora.

Passou depois a escavar-se por talhões que se levavam até ao pavimento, começando pelo sul da sala. A 27 de Setembro completou-se a escavação do talhão central e principiou a de uma zona triangular na parte leste. Avançou-se lentamente, efectuando cortes verticais quase constantemente para conhecer a maneira como a estratigrafia considerada algo singela do interior do *sphaeristerium* entroncava com a relativamente complexa do exterior. Desejava-se estabelecer a relação cronológica dos designados restos de cozinha encontrados no exterior, com o muro norte do *sphaeristerium* e sobretudo com a sua destruição.

A 28 de Setembro, aproveitando um local desprovido de pavimento, efectuou-se uma sondagem, que atingiu 0,45 m de profundidade, para observar a composição do substrato. Sugeria-se manter a sondagem aberta e tapar a abertura com uma chapa de vidro forte e transparente, de modo a que o visitante interessado pudesse, a todo o momento, ver a estrutura do pavimento.

Esta sala viria a revelar-se um grande espaço rectangular, com um banco de alvenaria a toda à volta. Tinha uma porta a norte: a única entrada na última fase de utilização do balneário. E duas a oeste: uma larga passagem dando acesso ao *atrium*; outra, mais estreita, conduzindo a uma sala ainda não identificada (futuramente designada por *apodyterium*), contígua, por norte, ao referido *atrium*.

O pavimento era de lajes cerâmicas, que se conservavam a sul da sala. Viam-se vestígios de pinturas nos estuques das paredes. O tecto era sustentado por três pilares dos quais se identificaram as bases de assentamento

Bandeira Ferreira confidenciou a dado momento ter a impressão de que o *sphaeristerium* todo seria mais tardio que o resto até então explorado das termas, mas não adianta o que o leva a pensá-lo.

A 28 de Setembro iniciou-se a limpeza da área limitada a oeste por esta sala e a norte pelo *atrium*. Descobriu-se aí um compartimento que se desconhecia até então: o *apodyterium*, que só seria escavado mais tarde. Puseram-se a descoberto troços dum muro que se julgou ser o que delimita por este a grande divisão alongada com pilares (fábrica 1) que Maximiano Apollinário indicara a norte das termas. Pôs-se também a descoberto uma parede que limita o *atrium* por este.

O *frigidarium*

Antes da escavação do *sphaeristerium* tinha-se limpo o *alveus* 1 (piscina **T 4**) e efectuado uma pequena sondagem no compartimento designado então por *atrium* (**T 4a**). Como justificação para estes trabalhos preliminares, Bandeira Ferreira dava como razões o conhecimento da composição e conteúdo das areias que cobriam praticamente todo o edifício: para verificar a presença ou não de estratigrafia; saber quando, sem perigos, se poderia prescindir da crivagem; e conhecer os tipos de utensílio a usar pelos trabalhadores e o modo como os manejar de modo a não causar danos. Confidenciava ainda que era também para ter alguma coisa completamente escavada e limpa, no caso de visita de entidades interessadas na escavação.

Na exploração do *alveus* 1 (**T4b**), que se fez em apenas 4 horas, encontrou-se praticamente aquilo que se designa sempre como entulho (terra ou areia com grande concentração de materiais), aqui muito remexido, parecendo a terra ter ido para dentro do *alveus* há relativamente pouco tempo, pois junto com materiais de construção romanos encontraram-se papéis, latas de conserva (a -1,40 m) e uma ferradura moderna

a 0,20 m do pavimento (a -1,70 m). No tanque depararam-se com duas camadas de terra, uma mais e outra (a partir de -1,50 m) menos nitidamente vegetal, ambas com matérias de construção, cacos, sementes de giesta, carvões (que poderiam ser recentes). Na camada superior havia de mistura papéis e latas de conserva. As paredes (cujos restos do revestimento começaram a aparecer a -1,60 m) e o pavimento (a -1,90 m) eram revestidos por placas de mármore rectangulares, de que restavam na maior parte apenas os negativos.

O então denominado *atrium* (T 4) começou a ser explorada dia 31 de Agosto. Esta exploração foi iniciada com uma sondagem no canto noroeste que viria a revelar o primeiro fragmento de mosaico: uma pequena fiada de *tesselae* brancas no pavimento junto à base da parede (a -0,80 m). Cerca de 0,50 m em direcção ao centro da sala encontrou-se outro fragmento de mosaico, este polícromo e geométrico, também de uma cercadura, como o encontrado por Gabriel Pereira 70 anos antes; colocava-se a possibilidade de se terem encontrado parte dos frisos mais internos, enquanto Gabriel Pereira teria deparado com a cercadura externa. Junto deste havia ainda, mas solto, um agregado de *tesselae* brancas. O fragmento encontrava-se remendado com uma argamassa avermelhada sem decoração. Na parte do *atrium* adjacente ao cimo da escada do tanque *alveus* 1, encontrou-se um outro fragmento de mosaico geométrico, com um desenho totalmente diferente do que se encontrara próximo do canto nordeste da sala: constava também de uma cercadura, de *tesselae* brancas e pretas.

A disposição estratigráfica nesta sala era de duas camadas: a superior, com cerca de 0,60 m de espessura, continha muitos fragmentos de estuque (alguns pintados), tijolos partidos e poucos cacos; a inferior, com 0,20 m era de areia fina amarelada com algumas *tesselae* soltas ou formando pequenos agregados.

A 31 de Agosto no canto sul sudeste do *atrium* descobriu-se parte de um muro designado como B, e a um nível um pouco mais elevado um “pavimento” de *opus signinum*, C, que viria a revelar-se ser outro muro a delimitar o que provisoriamente se designou como piscina (viria a revelar ser a cisterna T 7). Nesta zona os entulhos deram fragmentos de mármore, cacos, alguns pedaços de *imbrices* e tijolos, cascas de ostra e um conjunto considerável de cerâmica fina. As paredes do canto sul apresentavam ainda pintura.

Os trabalhos foram então interrompidos temporariamente e passou-se à exploração do chamado *sphaeristerium*.

A 25 de Outubro principiou a limpeza da sala B, o *atrium*. As crivagens davam, como é natural *tesselae*. Esta sala não tinha propriamente estratos mas apenas uma camada de areia algo escura com cerca de 0,40 m de espessura.

A 2 de Novembro explorou-se a *lavatio* (T 4c) que fica a sul da sala B. Quando das sondagens preliminares, em 23 de Agosto, a sondagem 1 havia aqui encontrado muitos fragmentos de estuque e um pequeno pedaço de mármore. Este tanque tinha um pavimento de mármore branco bastante deteriorado (a - 0,80 m que o da sala B).

A 13 de Novembro procedeu-se à limpeza completa do pavimento da sala B, com o fim de preparar o restauro do mosaico, a começar em breve.

A 14 de Novembro, junto da comunicação para o *tepidarium*, num sítio onde o pavimento estava totalmente destruído, encontrou-se (a uma cota de -0,50 m) um outro pavimento de *opus signinum*, com um rebordo. Tal, colocou Bandeira Ferreira perante a interrogação de estar o *frigidarium* construído, parcialmente, sobre um antigo tanque ou reservatório ou sobre uma *caetaria*; sendo de assinalar a semelhança do *opus signinum* deste pavimento antigo com os da cisterna e dos grandes reservatórios da sala “comprida” (sala H, na fábrica I). Bandeira Ferreira coloca a hipótese de existir uma cetária sob o *frigidarium*, o que implicaria que este espaço não pertenceria anteriormente às termas mas a uma estrutura de produção de preparados de peixe de cronologia anterior.

A cisterna

A 31 de Agosto, no canto sudoeste do *atrium* descobriu-se parte de um muro e a um nível um pouco mais elevado um pretense “pavimento” de *opus signinum* sendo este último, afinal parte de um outro muro que delimitava o que denominaram piscina e depois tanque (a cisterna T 7), o qual não figurava nas plantas de Gabriel Pereira nem nas de Maximiano Apollinário.

A piscina “jazia” sob uma camada superior de areia castanha com muito e variado entulho.

Ligado à piscina encontrou-se o resto duma caleira no muro norte e de um dreno no muro sul. Do lado de fora do dreno havia areia cinzenta com entulho muito concentrado.

A 11 de Setembro encontrou-se próximo do fundo a ânfora funerária T1 e a T2 de Setembro, e, continuando-se a limpeza do tanque, a ânfora T3.

O apodyterium

A 23 de Outubro, durante a exploração já das zonas aquecidas, iniciava-se a exploração da **sala B1 (T 5)** pondo-se a descoberto o seu muro norte que apresentava frescos (considerados sem valor artístico) No dia seguinte terminou-se a limpeza deste compartimento, que tinha também um banco corrido ao seu redor.

Esta sala pareceu a Bandeira Ferreira, um antigo tanque transformado num compartimento. Tal viria a confirma-se.

As áreas aquecidas

A 10 de Outubro principiavam os trabalhos preliminares da escavação da área central das termas, com a limpeza das giestas e algumas sondagens. A 13 de Outubro principiou o desaterro para um pequeno desvio da via-férrea, de modo a permitir uma maior facilidade de retirada das areias da área central. O seu traçado seria alterado mais para oeste, por mais que uma vez, durante a continuação dos trabalhos.

O que se esperava encontrar era justamente a zona de *caldarium*, mas não se nota um especial interesse por esta zona, pois, em simultâneo, trabalha-se na zona norte, limpando o corredor e os tanques da fábrica IC.

A 15 de Outubro foram descobertas as paredes este do *tepidarium*, denominado sala **C**. A 16 de Outubro continuaram a colocar-se a descoberto os muros das salas que se denominaram **E (T 1)** e **D (T 2)**, e dos dois *alvei*, **2, (T 1a)**, **3**, que se viria a verificar conter vestígios de cal viva (**T 11** –forno de cal) e **4 (T 2a)** Os muros dos *alvei* ficaram

completamente desafogados no dia seguinte, prosseguindo no dia posterior, 18, o desafogo e escavação dos mesmos e das salas **C, D e E**.

A 24 de Outubro, na exploração da sala *C* (*tepidarium*) atingiu-se o seu fundo na zona norte, encontrando-se uma construção de tijolos formando um arco de círculo.

Estas salas apresentavam, de um modo geral, uma camada de areia branca, com uma espessura de c. 2,40 m, que se sobrepunha a uma camada do chamado entulho. Nos *alvei* as areias e os materiais eram semelhantes e constituíam o enchimento. No *alveus* 3 (forno de cal) a situação era naturalmente diferente: uma camada superior castanha clara, sobre outra castanha mais escura, findando em cone constituído por areia branca, com vestígios de cal virgem.

O pavimento, de lajes cerâmicas, do *tepidarium* apresentava-se coberto por terra preta. Na sala D assinala-se também o entulho tomando gradualmente uma cor quase preta, misturado com cinzas e carvão em pó.

Quer as salas quer as piscinas apresentavam contaminação com materiais modernos, até ao nível do pavimento, em alguns casos.

Foram localizadas e assinaladas várias pequenas construções de tijolo assentando no pavimento (os arranques dos arcos do *hypocaustum*).

A 8 de Novembro principiou o restauro da parede este da sala D.

A 9 de Novembro foi colocado o primeiro troço de via na vala nova, a noroeste.

A 10 de Novembro prosseguiu a exploração do canto sudoeste das termas, descobrindo-se parte do muro que por sul limita a **sala G** (a sala onde se insere o *praefurnium*).

A 1 de Dezembro começou a tirar-se uma faixa exterior do talude em frente dos *alvei* 2 e 3 e da **sala G**, para desafogar as ruínas.

A sala J

A 27 de Novembro foi descoberta a sala **J (T 10c)**, um pátio a céu aberto. Abriu-se também uma vala ao longo do muro oeste para maior desafogo das ruínas.

No interior e no exterior do compartimento encontraram-se sepulturas umas construídas em tijoleira, outras em ânfora.

Dia 8 de Dezembro terminavam os trabalhos desse ano.

A fábrica IC

Desde que, ao encontrar-se a sua parede este, durante a escavação do *sphaeristerium*, prosseguiram, em simultâneo com os trabalhos mais a sul, nas termas, a escavação do corredor desta fábrica, denominado sala comprida ou sala H, e dos seus tanques, aos quais se chama frequentemente piscinas.

4- Resultados da campanha

A escavação de 1956 foi a grande, e única, verdadeira grande intervenção ao nível das termas. Descobriu-se todo o edifício mas a escavação não foi em profundidade: terminava ao nível dos pavimentos. No Diário de Bandeira Ferreira de 1956 não se fala ainda da individualização das termas relativamente à parte do complexo fabril contíguo. Esta individualização é, porém, já um dado assente no Diário do mesmo autor de 1958: parece ter-se chegado a essa conclusão em 1957, ano de que infelizmente não podemos contar com o Diário, o qual sabemos porém ter existido.

As escavações em Tróia continuaram nos anos seguintes.

Existe também um diário de 1958, igualmente de Bandeira Ferreira, e que se refere a um de 1957 (este infelizmente desaparecido). O de 1958, apenas refere já as fábricas, pelo que se depreende já não ter havido intervenção na área das termas.

De 1959 existem materiais registados em inventário, como sendo das termas, sem que nada permita, por ora, saber se se tratam de achados fortuitos ou resultantes de alguma intervenção específica.

Infelizmente a etiquetagem dos materiais não contém informação suficiente para que se possam identificar com o contexto de proveniência e foram já detectados erros, na descrição desta, em peças cuja proveniência está descrita e mesmo registada graficamente no registo de campo.

III – Os anos 90 do século XX

Em 1994 saía à estampa uma obra em que o núcleo formado pelas denominadas fábricas I e II e pelas termas do sítio arqueológico de Tróia era cuidadosamente descrito: Étienne, R., Makaroun, Y. e Mayet, F. (1994) - Paris: Diffusion E. de Boccard.

Os trabalhos que levaram a esta publicação haviam tido como objectivo o levantamento arquitectural das escavações antigas, acompanhado duma limpeza e de algumas, raras, sondagens. (cf. Étienne, Makaroun e Mayet, p. 8)

Para esta obra, os autores percorreram as estruturas deste núcleo, registando medidas e cotas, descrevendo tudo o que estava à vista, realizando pequenas sondagens para esclarecer alguns pormenores.

Nas termas, dado o bom estado de conservação do edifício, o que é descrito, salvo raras excepções, é o estado em que estas se encontravam no Baixo-Império, não tendo sido possível recuperar esquemas arquitecturais de estados anteriores como o havia sido para as fábricas.

IV – As acções de conservação no século XXI

Em 2003 as ruínas foram alvo duma intervenção de controlo de infestantes. Na área das termas foram aplicados herbicidas sistémicos de absorção foliar (glifosato, triclopir e glifosato+triclopir), tendo como objectivo controlar a grande população de infestantes herbáceas anuais e vivazes que recobriam grande parte das estruturas, com particular incidência na necrópole, área balnear, cetárias e na basílica; simultaneamente fizeram-se aplicações sobre as infestantes lenhosas, essencialmente constituídas por retamas e algumas silvas. A área das termas foi sujeita a uma nova aplicação passado um ano (nesta altura de glifosato+isoxabena). (Machado e Monteiro, 2003: 196 e 198)

A redução das intervenções arqueológicas em Tróia coincidiu com o início de um período de estudo dos muitos materiais exumados mas nunca estudados, de levantamento e registo de estruturas e de intervenções de protecção e conservação patrimonial.

V – As termas de Tróia

As termas (fig. 4) eram constituídas, na sua última fase de utilização (a actualmente visível) por um *caldarium* com duas salas (T1 e T2), cada uma com um espaço absidal anexo (T1a e T2a); um *tepidarium* (T3); um *frigidarium* (T4a) com duas piscinas (T4b e T4c); um *apodyterium* (T5); e uma grande sala de exercício e/ou convívio (T6). A área de serviço era composta pelo *praefurnium* (T10b) inserido no compartimento (T10a), ao qual se anexa o pátio a céu aberto (T10).

O edifício termal estende-se, contíguo a sul à fábrica I, por 36 m, no sentido este-oeste. Apresenta uma largura média de 8,5/11 m, do lado oeste, e de 15/19,5 m, do lado este.

Este balneário integra-se arquitecturalmente num complexo oficial de transformação de pescado, ao qual se encosta a sul.

Este é constituído por duas unidades “fabris” – a fábrica I e a fábrica II – que, numa primeira fase (cujo início não se pode datar com exactidão, mas que se situará nos finais do século I, inícios do II), estavam unidas por uma passagem. No século III, o tanque 1 da fábrica I foi incorporado no sector termal e esta fábrica foi dividida em três unidades: IA, IB e IC (só a segunda continuou ligada à fábrica II).

As três fases de cronologia de utilização que puderam ser estabelecidas para o complexo oficial, não são aplicáveis nas termas, excepto a segunda: quando o *apodyterium* do balneário foi instalado num tanque de salga desactivado do complexo oficial.

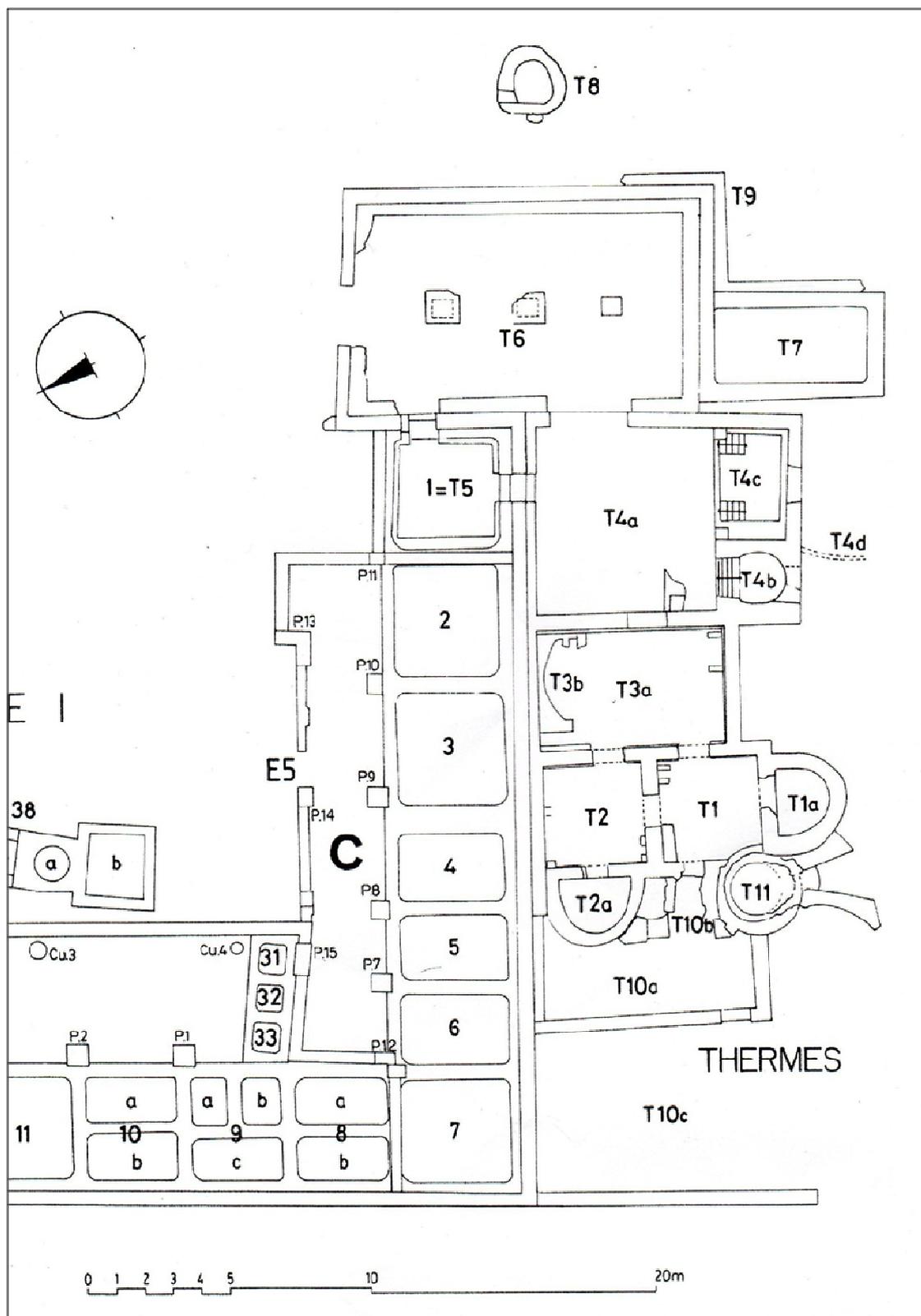


Fig. 4 – Planta de Étienne, Makaroun e Mayet (reduzida)

1. A zona aquecida

A zona aquecida terá sido o primeiro sector das termas a ser construído, ou a manter-se sem alterações; poderia ser-lhe contemporâneo o tanque ou cisterna hoje em dia subjacente ao *frigidarium*.

O *caldarium* é composto por duas salas quadradas, inscritas num espaço rectangular (8,60 m x 4,80 m): a sala **T1** e sala **T2**, comunicando entre si por uma porta. Cada uma das salas possui uma abside externa: ao sul, a da sala 1; a oeste, a da sala 2. Nestas absides estavam instaladas piscinas de água quente.

O tipo de construção das paredes, em *opus mixtum* (usado em quase todo o balneário e nas estruturas adjacentes), é nesta zona particularmente cuidado: a primeira camada de fundação é sempre constituída por pedras mais ou menos esquadriadas, em seguida camadas de pedra niveladas por uma camada de tijolo ou fragmentos de telha, tudo ligado com argamassa, e sendo as irregularidades calçadas com fragmentos de tijolo.

A parede norte encostou-se à parede preexistente da fábrica I.

A pavimentação do *hypocaustum* é constituída por lajes rectangulares em tijolo dispostas alternadamente sobre o grande e sobre o pequeno lado.

O *hypocaustum*, de ambas as salas, tinha a mesma orientação (a mesma também do *tepidarium*): os arcos desenhavam-se no sentido norte-sul. Duas passagens, uma de cada sala, permitiam ao ar quente passar do *caldarium* ao *tepidarium*.

A pavimentação do *hypocaustum* foi colocada antes da construção das piscinas. Numa sondagem efectuada no exterior do muro semi-circular, verificou-se que o ladrilhamento, colocado directamente sobre a areia, transbordava ligeiramente em relação ao muro (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994: 127).

T1

Na sala T1, no pavimento do *hypocaustum* do *caldarium*, imediatamente depois do arco do *praefurnium*, por cima do ladrilhamento, identificam-se dois muros de tijolo orientados no sentido este-oeste. O muro norte, de grandes tijolos, está ligada à pilastra do arco da fornalha enquanto o muro sul sofreu uma intervenção excessiva com cimento moderno, ultrapassando muito o do norte: é mais razoável pensar que fossem idênticos,

devendo suportar um *alveus* de água muito quente. (cf. Étienne, Makaroun e Mayet, 1994: 124)

A estratigrafia do interior da sala **T1** escavada em 1956 é a seguinte: uma camada de areia branca a norte, de 1,60 m sobrepondo-se a uma camada de entulho (mais espessa a norte e diminuindo gradualmente para sul).

T2

A camada superior da sala **T2**, escavada em 1956, era de areia branca contendo algumas pedras grandes caídas das paredes (muito destruídas nessa área).

À profundidade de -2,20 m, a norte, começou a encontrar-se uma camada de entulho, (com uma espessura de 0,84 m), com muitas pedras, algumas bastante grandes, provenientes do desmoronamento das paredes, e também calíça. Esta camada é mais espessa junto ao muro norte indo diminuindo até desaparecer a meio da sala. De um lado e de outro da passagem para o *tepidarium* registou-se uma mancha de areia preta, de 0,32 m de espessura. Junto do canto sudeste as areias brancas iam, contando da crista do muro, até uma profundidade de -2,35 m. Depois desta camada, a cerca de -3 m portanto, o entulho começava a ter uma cor quase preta, com uma pedra ou outra e pedaços de tijolos, misturado com cinzas e carvão em pó (nesta zona não se regista a camada intermédia de desmoronamento).

A contaminação com materiais modernos e contemporâneos era muito evidente: junto ao muro este, a -0,45 m de profundidade, dentro do entulho, apareceu uma lata; junto ao canto sudeste a -2,40, já na areia preta, apareceu um fragmento dum alguidar vidrado moderno; no canto sudoeste, no entulho, a -0,60 m, apareceu um fragmento de cerâmica moderna; no canto sudoeste, apenas a 0,28 m acima do pavimento, encontraram-se mais dois fragmentos de louça moderna e um pequeno fragmento de mármore; no pavimento, de mistura com a areia preta, havia fragmentos de azulejos azuis e brancos do séc. XVIII.

A parede este da sala **T2** foi consolidada em 1956.

T1a

O *hypocaustum* da piscina **T1a** (da sala **T1**) assentava sobre 4 arcos de suporte. A parede é bastante larga, para suportar o encastramento dos arcos do norte e do sul, pois estes repousam sobre mísulas sem colunas, tendo portanto o pilar oeste sido mal

interpretado pelos restauradores (cf. Étienne, Makaroun e Mayet, 1994: 126). A piscina ainda conservava restos do forro de mármore.

A escavação, em 1956, encontrou de início terra vegetal com algum entulho e por baixo areia branca com algumas pedras; registaram-se depois areias de tom branco acastanhado.

T2a

O *hypocaustum* da piscina **2a** não era constituído por arcos, mas por uma passagem abobadada assentando sobre *pilae* de tijolo. Esta piscina está descentrada para norte, encontrando-se o muro externo da abside apertado contra o muro norte da sala **T10b**. O muro da abside é ainda mais irregular que o da piscina **T1a**. Encosta-se ao muro do *caldarium*, ao qual está ligado a partir da primeira camada de “betão” cerâmico.

Escavada em 1956, ficou então registado que a primeira camada era de terra vegetal com algum entulho e a inferior de areia branca, com algumas pedras grandes caídas das paredes; o pavimento estava em parte destruído. Quando se tiraram as areias que estavam sob o pavimento apareceu a abóbada de tijolo.

Conservaram-se vestígios de revestimento de mosaico desta piscina, o qual se estenderia para a sala **T2**. Este mosaico pertenceria a uma decoração inicial, tendo posteriormente sido recoberto por uma camada de “betão” cerâmico.

Verificar-se-ia a existência, de um grande buraco na parede da piscina (1,50 m de altura por 1,40 m de largura) na parte inferior da piscina **T4**.

T11

A construção dum forno de cal, após o abandono desta estrutura, afectou muito a leitura deste espaço: não só destruiu o *prae-furnium*, como é dentro deste forno, na parede norte, que se conservou o único vestígio do escoamento de águas desta zona; mais acima, na mesma parede, mas do lado do *prae-furnium*, existia uma passagem de ar quente, construída em duas águas com tijolos, que ficou obstruída.

Designado como *alveus* 3 em 1956, foram registadas duas camadas na sua limpeza: a superior castanha clara, com 0,80 m de espessura, e a inferior castanha mais escura, com 0,90 m. As areias continham algumas pedras, fragmentos de tijolos e alguma calça. O fundo findava em cone sendo constituído de areia, com vestígios de cal virgem; as areias que ele continha eram aqui brancas e havia algumas pedras.

Na área exterior adjacente ao **T11**, registou-se mais entulho e pedras; a -1,95 m da superfície dos muros encontrou-se uma abertura, destruída assim como a parede desse lado, o sul, formando um corredor em forma de funil, alargando-se para o exterior. No entulho apareceram fragmentos de cerâmica fina.

T3

Do *frigidarium* ou do *caldarium* acedia-se ao *tepidarium* (4,2 m x 6,6 m). Este espaço aquecido assentava sobre *suspensurae* construída sobre arcos.

As paredes são largas, 0,60 m, e de construção cuidada, à excepção da parede norte, construída mais irregular e ligeiramente, porque se encosta à parede sul da fábrica I.

A parede sul apresenta, interiormente, uma saliência de 7 cm de largura a um nível, +1.46 m, que devia corresponder ao nível de circulação dos banhistas. Esta parede liga-se perfeitamente à parede oeste. Nesta última, encontram-se duas passagens para canalização, tendo, cada uma, por cima, um lintel de tijolo, atravessando inteiramente a largura do muro (0,55 m), estes dois buracos podiam assegurar a passagem de dois canos de chumbo, o de este, alimentando o *labrum* do *tepidarium*, o de oeste, as piscinas do *caldarium*.

A estrutura dos muros é idêntica à dos muros do *caldarium*: fiadas de pedra, regularizadas por uma fiada de tijolos ou de fragmentos de telhas; as pedras, frequentemente irregulares, são calçadas por fragmentos de tijolo.

Apoiada à parede norte do *tepidarium* foi construída uma estrutura em tijolo, maciça, de forma absidal, que foi interpretada como suporte dum *labrum*.

Em 1956 registou-se uma estratigrafia com uma primeira camada de terra vegetal, após essa, as areias eram brancas, no canto nordeste com uma espessura de 2,80 m, a contar da crista do muro e no canto sudeste com 1,70 m de espessura, também a contar da crista do muro. Havia uma grande contaminação com materiais não romanos: no canto sul, fragmentos de pratos modernos a -0,70 m a contar da crista do muro, e depois mais um fragmento a 1,20 m; junto da porta para o T1 a -1,70 m, surgiu um pedaço dum tacho vidrado; no canto norte encontraram-se fragmentos de tachos modernos e uma lata de conserva, a -3,00 m a contar da crista do muro. Sob estas areias brancas havia um estrato de entulho com 0,50 m de espessura, contendo pedras, caliça e

bocados de tijolo. O pavimento, parcialmente destruído, era de lajes cerâmicas queimadas na sua face superior e cobertos por terra preta.

Ao atingir-se o pavimento registaram-se pequenas construções de tijolo (os arranques dos arcos do *hypocaustum*) e uma construção de tijolos formando um arco de círculo, que não suscitou mais comentários. Esta construção, que encostava ao muro norte, é um grande maciço de alvenaria de tijolo, em arco de círculo, que está ligado ao muro oriental, sobre 1,23 m de altura, estando as duas últimas fiadas de tijolos fixas na saliência do muro este: esta estrutura foi portanto pensada desde o início da construção deste muro (Étienne, Makaroun e Mayet, p. 129).

Do lado este o *tepidarium* possui apenas uma abertura, dando para o *frigidarium*. Esta porta foi colocada de forma a fazer face ao muro fronteiro e não a uma das aberturas (para evitar perdas de calor).

O chão do *hypocaustum* apresenta dois tipos de ladrilhamento: ao sul (**3a**), um ladrilhamento idêntico ao do *caldarium*; no parte norte (**3b**) a pavimentação é feita de ladrilhos maiores, dispostos alternadamente segundo o pequeno e o grande lado.

Podem-se reconstituir sete filas de arcos. As *suspensurae* tinham a mesma orientação que as *caldarium*.

T10b

O sistema de *hypocaustum* era aquecido por um forno situado a oeste. O forno encontra-se muito destruído, ainda que se reconheça a sua estrutura composta por um arco de tijolo que, do lado exterior, assentava sobre dois pilares também de tijolo. O pilar esquerdo conserva-se até uma altura de 1,36 m e o direito foi parcialmente destruído pelo forno de cal aí instalado em época posterior.

Uma sala, à qual se acedia por uma entrada a oeste, permitia o acesso e alimentação do forno.

O *prae-furnium* (**10b**) ficava atrás do muro ocidental do *caldarium* (**T1**). Foi o muro ocidental do *caldarium* que foi entalhado para deixar passar o arco do *prae-furnium*. A preexistência do *hypocaustum* do *caldarium* à estrutura de aquecimento coloca a questão de como seria aquecido antes, e a partir de onde.

O arranque do arco dando para o *hypocaustum* assentava sobre dois pilares, no exterior, e sobre duas *pilae* no interior da câmara de aquecimento.

O pilar sudoeste assenta directamente sobre a areia e foi parcialmente destruído (canto sudeste) pelo forno de cal (**T11**). O pilar noroeste está unido, a este, à abside da piscina **T2a**: está encofrado ao norte e a este pela construção desta. A pilastra nordeste apresenta um envasamento, de 60 cm abaixo do lajeamento do *hypocaustum*. A pilastra sudeste assenta por cima do lajeamento do *hypocaustum*. Sobre este pilastra está articulada o arco, de que se conserva o arranque, e que teria de largura 36,5 cm.

Entre os pilares atrás e as *pilae* do arco, à entrada do *hypocaustum*, apresenta-se a fornalha propriamente dita alargando-se de este para oeste. As partes laterais estão muito destruídas, sobretudo ao sul por causa do forno de cal. No interior, o chão da fornalha foi pavimentado por tijolos fragmentados, que ficaram enegrecidos pelo fogo.

Uma sondagem efectuada entre os dois muros do *praefurnium* fez aparecer um chão de cal sobre o qual se dispõem duas fiadas de tijolos servindo de base aos ladrilhos do *hypocaustum*. Não se tratariam de restos dum *hypocaustum* anterior? (cf. Étienne, Makaroun e Mayet, 1994: 122).

T10a

A parede ocidental do compartimento de serviço **T10a** é constituída pela parede exterior ocidental das termas que se vai encontrar, a norte, com a parede da fábrica I. A parede norte está bastante destruída e apresenta uma ligeira inclinação devida à pressão da parede da fábrica I, à qual se encosta. A parede sul, bem alinhada, foi cortada pela construção do forno de cal (**T11**). Devia reunir-se à parede ocidental do *caldarium*, sem estar, no entanto, alinhada com o seu muro sul.

Esta parede é aberta por uma porta na sua parte meridional. O nível da entrada è superior ao do *praefurnium* e do *hypocaustum*: tinha-se que descer para este compartimento para alimentar a fornalha.

A estratigrafia registada em 1956 é de: 0,15 m de terra vegetal; 1,30 m de areia acastanhada; e 1,70 m de entulho, que junto à parede norte era formado por grande parte de pedras de desmoronamento do muro. A -1,35 m, da crista dos muros, apareceu um fragmento de cerâmica moderna.

Do lado exterior da parede sul que limita a sala **T10a**, apareceu um pedaço de fuste de coluna liso, que já Gabriel Pereira assinalara na sua planta.

A 20 de Novembro de 1956, segundo registo feito por Jaime Rolão, na comunicação da **T10a** com a **T2**, encontrou-se uma camada de entulho encarniçado com

1,05 m de espessura correspondendo à largura das paredes (0,90 m), daí para a frente continuaram as terras castanhas. Estes comentários foram transcritos por Bandeira Ferreira, que lhe colocou interrogações: de facto, não se compreende onde é esta comunicação (será no buraco do T2a). As areias mantiveram um tom acastanhado, até que se atingiu o pavimento numa pequena zona: era constituído por cacos, fragmentos de tijolos e barro e apresentava-se muito irregular, cheio de altos e baixos.

Em 1956 a estratigrafia registada para a sala G foi de: 0,15 m de terra vegetal; 1,30 m de areia castanha; e 1,70 m de entulho formado de grande quantidade de pedras provenientes do desmoronamento da parede este.

T10c

Apoiado à fábrica a oeste fica um pátio (**10c**), fora já do envolvimento das paredes do *praefurnium* (**10a**). Foi descoberto a 27 de Novembro de 1956, altura em que recebeu a denominação de sala **J**. Bandeira Ferreira diz que este era desconhecido de Maximiano Apollinário embora Gabriel Pereira parecesse ter suspeitado da sua existência.

Apresenta uma superfície utilizável de entre 47 e 56 m². É constituído pelo ângulo fechado pela parede sul da fábrica I, apoiando-se no seu canto sudoeste e pela parede ocidental das termas (ao longo da qual se encontraram muitas pedras de derrube desta), que um muro norte-sul fechou a oeste. Este muro é de construção grosseira, com grandes pedras calçadas com pequenos fragmentos: foi muito restaurado. O pátio é aberto do lado sul.

Nas primeiras areias retiradas apenas se encontraram pedras ao longo da sua parede de separação com a fábrica I, nada de objectos.

Bandeira Ferreira apresenta, para esta sala a seguinte estratigrafia: camada I, a superior, de terra vegetal, com a espessura de 1,15 m; camada II de areia castanha, com 1,10 m; camada III de areia branca com manchas de terra escura, contendo cinzas, fragmentos de tijolo, caliça, pedras miúdas, etc.

Esta estratigrafia estaria certamente muito perturbada, pois este espaço foi reutilizado como necrópole: no canto nordeste da sala, descobriu-se, a -0,96 m, contando da terra vegetal, a urna funerária T8; dias depois descobriram-se as ânforas funerárias, T11, T12 e T13, à cota de -1,36 m e orientadas, as duas primeiras, oeste-este, e a terceira oeste-sul. Do lado exterior da sala havia sido aberta uma vala ao longo do

muro oeste, na qual descobriu a sepultura, T9, com tampa de tijoleiras, à cota de -1,50 m a contar da superfície do terreno e posteriormente, na mesma vala, mais sepulturas, em ânfora e em urna, entre as quais a sepultura T10, também de tijoleiras, e ao mesmo nível da T9.

2. A zona fria

T5

No século III a entrada do banhista no balneário de Tróia fazia-se por um *apodyterium* (4,35 m x 4,45 m) que corresponde a um tanque pertencente à oficina de transformação de pescado da primeira fase. A desactivação do tanque situa-se em finais do século II e a sua integração no balneário no século III.

Ao sul, a parede desta sala é dupla: constituída pela parede exterior sul da fábrica e pela parede exterior norte das termas. Nestas paredes foi aberta uma passagem de acesso ao *frigidarium*. No muro este a porta de entrada passou a dar acesso à Sala dos Três Pilares quando esta foi construída.

Do lado este e sul manteve-se a parede exterior da fábrica I, vindo-se-lhes encostar duas novas paredes, a oeste e norte. A parede oeste é comum à fábrica IC. A parede norte deixou intacta a margem norte do tanque, assentando somente no seu exterior. Esta parede foi muito restaurada em época contemporânea. Como a maior parte das paredes da segunda e terceira fase de ocupação das fábricas são construídas com pedras de média dimensão calçadas por fragmentos de tijolo. As paredes deste novo compartimento termal receberam um reboco, de cor cinzenta. Sobre o muro oeste, este reboco encontra-se com um, mais grosseiro, da margem do tanque. Sobre este reboco, restaram alguns traços de pintura cor-de-vinho.

O interior do *apodyterium* era rodeado por um banco de alvenaria. Dos lados norte, este e sul, o banco encostou-se às margens do antigo tanque, que permaneceram perfeitamente conservadas; do lado oeste a margem do tanque ficou sob a parede, pelo que o banco tem um acrescento maior.

Em 1956 registaram-se nesta sala frescos, no muro norte, e na crista do muro um fragmento de mó. A sala continha somente areias acastanhadas em cujo seio se acharam

fragmentos de cerâmica fina, algumas *tesselae*, cacos vulgares e junto ao pavimento dois pedaços de mó, talvez da mesma achada partida em cima do muro norte.

Bandeira Ferreira, disse parecer, esta sala, um antigo tanque transformado em compartimento, mas não adiantou mais.

T4

O *frigidarium* é composto por um *atrium* (**T4a**) quadrangular (com cerca de 6,5 m de largo) e por duas piscinas (do seu lado sul), a mais a este (**T4c**) de forma rectangular, a mais a oeste (**T4b**), em forma de ferradura.

É de construção posterior ao sector aquecido. Previamente à instalação destas termas existiu, pelo menos no local onde se encontra o actual *frigidarium*, uma outra estrutura ou edifício: talvez uma piscina ou cisterna, de forma quadrangular (6,5 m x 6,6 m). O canto sudoeste dessa estrutura mais antiga recebeu um pilar de seis fiadas de tijolos, com a parte superior cortada, para instalar a base para o pavimento da nova sala; sobre este, infelizmente, existe argamassa moderna que dificulta a leitura dos vestígios. Esta construção subjacente explica o facto da margem oeste da piscina rectangular (**4c**) ser bastante mais larga, relativamente às margens sul e este: trata-se da margem este da cisterna anterior que foi reutilizada na construção desta piscina onde servia de banco. Além da construção subjacente observa-se mesmo um certo desvio desta secção do edifício para sudoeste o que deve ter sido determinado pela presença de construções anteriores.

A parede norte do *frigidarium* encostada à fábrica, é de *opus mixtum*. A parede sul, que enquadra as duas piscinas (e se alarga para oeste, devido à forma arredondada da piscina **4b**) usa o mesmo tipo de aparelho de construção, mas aqui utilizaram-se grandes pedras talhadas nos cantos, acompanhadas de tijolos inteiros ou de fragmentos.

As paredes são decoradas com pinturas a cor-de-vinho. Esta decoração é em todos os pontos semelhante à que é ainda visível nas piscinas frias, no *apodyterium* e na sala dos três pilares; estas termas apresentavam portanto, nos últimos momentos da sua utilização, uma grande unidade decorativa. (Étienne, Makaroun e Mayet, p. 131)

Antes da construção da Sala dos Três Pilares já existiria uma porta no local onde, aquando dessa construção, se abriu uma passagem mais larga: só o último revestimento do *atrium* passa sobre o seu patamar; os precedentes interrompem-se antes.

O então denominado *atrium* (T4) começou a ser explorado dia 31 de Agosto de 1956. Esta exploração foi iniciada por uma sondagem no canto noroeste que viria a revelar o primeiro fragmento de mosaico. Cerca de 0,50 m em direcção ao centro da sala encontrou-se outro fragmento de mosaico, como o encontrado por Gabriel Pereira 70 anos antes; colocava-se a possibilidade de se terem encontrado parte dos frisos mais internos, enquanto Gabriel Pereira teria deparado com a cercadura externa. Junto deste havia ainda, mas solto, um agregado de *tesselae* brancas. O pavimento encontrava-se remendado com uma argamassa avermelhada sem decoração. Na parte do *atrium* adjacente ao cimo da escada do tanque T4b encontrou-se um outro fragmento de mosaico geométrico, com um desenho totalmente diferente do que se encontrara próximo do canto nordeste da sala: constava também de uma cercadura. Além de fragmentos soltos de mosaicos e muitas *tesselae* avulsas, encontraram-se mais fragmentos de mosaico com restauro antigo.

Este *frigidarium* tem mais que um nível de pavimentação. O primeiro é de mosaico datado do século III. Este mosaico foi em grande parte destruído ainda durante a Antiguidade. Largos intervalos foram preenchidos com um “betão” cerâmico fino, idêntico ao da passagem entre esta sala e ao *apodyterium*. Poder-se-iam portanto situar estas reparações no início do século III (cf. Étienne, Makaroun e Mayet, p. 132). A deterioração do revestimento de mosaico e dos remendos de “betão” deve ter prosseguido, porque se podem constatar diversas reparações efectuadas com um “betão” cerâmico mais grosseiro, o qual passa sobre o patamar da entrada para a Sala dos Três Pilares.

Numa faixa paralela ao muro norte registaram-se areias com imbrices e pedras. Dir-se-ia depois que nesta sala não se podiam verificar propriamente estratos mas apenas uma camada algo escura, com uns 0,40 m de espessura, em cujas areias se encontraram muitas *tesselae*. Na entrada este, a uns 0,20 acima do pavimento encontraram-se 3 fragmentos de azulejo azul e branco do séc. XVIII.

A 31 de Agosto no canto sudeste do *atrium* descobriu-se parte do muro do que viria a revelar ser a cisterna T7. Nesta zona os entulhos continham fragmentos de mármore, cacos, alguns pedaços de *imbrices* e tijolos, cascas de ostra e um conjunto considerável de fragmentos de cerâmica fina. As paredes do canto sudeste apresentavam ainda pintura. A 4 de Setembro, na junção do entulho com as areias, apareceu uma

concha com moedas de bronze dentro. Estava a -4,00 m e a uns 0,20 m acima dos muros da pretensa piscina (cisterna **T7**).

A 14 de Novembro de 1956, junto da comunicação com a sala **T3**, num sítio onde o pavimento estava totalmente destruído, encontrou-se (a uma cota de -0,50 m) a estrutura subjacente: era um pavimento de *opus signinum*, com um rebordo, o qual continuava (para sul) em direcção ao *alveus* 1 (**T4c**). Tal, colocou Bandeira Ferreira perante a interrogação de estar o *frigidarium* construído, parcialmente, sobre um antigo tanque ou reservatório ou sobre uma *caetaria*; sendo de assinalar a semelhança do *opus signinum* deste pavimento antigo com os do tanque sul e dos grandes reservatórios da sala “comprida” (sala H, na fábrica I). No mesmo buraco do pavimento, descobriu-se o cunhal dum muro estucado mais ou menos paralelo ao muro oeste do *frigidarium*, e que também continua sob o pavimento mais moderno em direcção à piscina **T4c**. O buraco continha muitas *tesselae*, pedaços de mosaico com o respectivo suporte e, à cota de -0,60 m, um fragmento de azulejo do séc. XVIII, tal mostrava tratar-se duma exploração relativamente recente, que fora depois atulhada de qualquer maneira. Dia 15 terminou a exploração do buraco, atingindo-se a cota de -1,20 m, e achando-se entulhos e mais *tesselae*. Bandeira Ferreira é o único que coloca a hipótese duma cetária o que implicaria que este espaço não pertenceria anteriormente a umas termas mas a uma estrutura de produção de preparados de peixe de cronologia anterior.

T4b

A piscina em forma de ferradura (**T4b**) é construída em tijolo, tem três degraus de acesso que eram totalmente revestidos de mármore cor-de-rosa. O seu interior era revestido a mármore branco. A piscina recebeu o revestimento de mármore antes que a escada fosse construída, pois restam dele fragmentos bloqueados entre as escadas e o muro. As placas de mármore estavam colocadas até 1,40 m de altura, relativamente ao fundo da piscina; para cima a parede estava decorada em cor-de-vinho. O pavimento era também revestido a mármore. A sul ficava o buraco de evacuação das águas. Uma janela (um lanternim com lados assimétricos) iluminava esta piscina; foi reduzida em relação às suas dimensões originais. A janela primitiva estava situada diferentemente, tendo sido tapada no seu lado oriental. Tinha o peitoril ao nível superior das placas de revestimento de mármore, com uma pilastra em tijolo. A nova janela foi estreitada,

deslocada para oeste e rebaixada, não podendo existir quando a piscina estava ainda revestida de mármore. (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994:136)

Na exploração do tanque **T4b**, em 1956, encontrou-se praticamente apenas entulho muito remexido, parecendo a terra ter ido para dentro do *alveus* há relativamente pouco tempo, pois junto com materiais de construção romanos encontraram-se papéis, latas de conserva (a -1,40 m) e uma ferradura moderna a 0,20 m do pavimento (a -1,70 m).

No tanque depararam-se com duas camadas de terra, uma mais e outra (a partir de -1,50 m) menos nitidamente vegetal. A primeira com tijolos partidos, bocados de mármore, uma *tessela*, pedras, cacos, bocados de estuque pintado ou não, fragmentos de *imbrices*, um prego, conchas (de ostra, amêijoia e berbigão), sementes de giesta, carvões (que poderiam ser recentes) e papéis e latas de conserva. Na camada inferior havia também materiais de construção (tijolos partidos, pedras, *imbrices*, bocados de estuque, pintado ou não, bocados de placas de mármore), cacos, raros carvões e uma ferradura moderna. As paredes (cujos restos do revestimento começaram a aparecer a -1,60 m) e o pavimento (a -1,90 m) eram revestidos por placas de mármore rectangulares, de que restavam na maior parte apenas os negativos. Foi ainda colocada a descoberto a face vertical do degrau inferior da escada de acesso do tanque ao denominado *atrium*.

Desta escavação assinalava-se a raridade de *imbrices* e a ausência de *tegulae*.

T4c

A segunda piscina (**T4c**) é de planta rectangular (3,91 m x 2,47 m) com duas escadas laterais de quatro degraus. A escada a este forma um ângulo recto, enquanto a oeste inflecte para o interior da piscina, o que se explica pela existência da estrutura anterior. No centro foi colocada uma janela. As escadas da piscina **T4c** foram também construídas quando a piscina já estava revestida de mármore, restando também dele fragmentos bloqueados entre as escadas e a parede.

A sua parede oeste apresenta uma maior espessura, que se explica pela reutilização da margem da cisterna anterior. Estas margens foram revestidas por um “betão”cerâmico depois de terem sido cobertas de placas de mármore branco, o que pode reflectir uma reparação antiga (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994:137).

Foi no revestimento inferior desta piscina, lado oeste, que se encontrou um gancho de fixação *en place* que se pode extrair intacto. Em bronze, longo de 18 cm,

apresenta nas extremidades dois ganchos, um mais fechado que o outro. Estava fixo no “betão” cerâmico, calçado por um pequeno pedaço de mármore, como se constatou igualmente na piscina **T4b**, onde ganchos de fixação ainda visíveis eram todos fragmentários. (cf. Étienne, Makaroun e Mayet, 1994: 140).

Acima das margens, um revestimento de mármore rosa, sobre os três lados da piscina, atingia uma altura variando entre 0,32 e 0,36 m. Sobrepunha-se-lhes uma espécie de cornija em mármore branco. Por cima do nível do mármore rosa, os muros receberam um reboco cinzento, fino e ligeiro, sobre o qual restam traços de pintura cor-de-vinho. O chão da piscina estava coberto por lajes de mármore, colocadas perpendicularmente aos muros, contornando as escadas com precisão e bem ajustadas contra o revestimento em mármore das paredes.

Este chão recebeu uma reparação em “betão” cerâmico, em lugar duma laje, no momento em que os muros receberam também o mesmo “betão”, sobre ou no lugar do revestimento de mármore (Étienne, Makaroun e Mayet, p. 140).

Na base da parede ocidental, observa-se um rodapé de mármore branco que foi entalhado para colocar o cano de evacuação das águas da piscina.

Uma janela foi aberta na parede sul, como para a piscina **4b**. O peitoril corresponde, para o interior, ao nível superior do revestimento de mármore rosa.

A entrada da água fazia-se do lado do muro sul, por baixo da janela, por um canal, bem centrado em relação à janela. Este era construído com tijolos e quase circular (8 cm de diâmetro). Devia estar ocupado por um cano de chumbo que trazia a água desde a cisterna. A evacuação da água fazia-se pelo ângulo sudoeste.

A evacuação da água fazia-se no canto sudoeste, no ponto mais baixo da piscina (o chão desce nessa direcção 20 cm). O cano de chumbo está ainda no seu lugar, com um diâmetro de 4,5 cm e um pequeno colo esvasado de 5 cm.

T6

A denominada Sala dos Três Pilares constituiu o último acrescento ao conjunto termal, a oeste. No último período de utilização das termas, a entrada fazia-se por uma porta aberta na parede norte desta grande sala (12,30 m x 7,62 m) com a cobertura sustentada por três pilares. Não se sabendo ao certo quando foi construída, pode, no entanto, constatar-se que a parede sul se apoia directamente sobre a margem da cisterna 7, e que a abertura para o *frigidarium* está recoberta pelo último revestimento do *atrium*

T4a: sendo portanto posterior à cisterna e anterior à última reparação do pavimento do *frigidarium*.

Na parede oeste da sala abriam-se duas pequenas janelas. Estas são mais lanternins (mais largas na face interna do que na face externa) destinadas a iluminar e a ventilar o espaço. Na parede externa, a superfície dos parapeitos era marcada por uma camada de tijolo. Este devia ser idêntico nas duas janelas, o que prova que a janela sul foi mal restaurada: foi deixada muito alta e demasiado recoberta com argamassa moderna (cf. Étienne, Makaroun e Mayet, p. 148).

A construção é em *opus mixtum*. As paredes norte e este foram apoiar-se na construção pré-existente da parede exterior prévia das termas.

A parede sul e a parte sul da parede ocidental receberam um reboco cinzento, este era decorado com pinturas, de que se distinguem largas bandas horizontais e verticais cor-de-vinho alternando com bandas mais largas de cor esbranquiçada, desenhando uma espécie de painéis. Sobre a parede meridional, na parte situada acima da cisterna, conservaram-se duas bandas horizontais cor-de-vinho, tendo uma banda clara, entre ambas. Tem-se a impressão geral duma espécie de entrelaçado imitando as junções de *opus quadratum* (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994: 146).

Funcionava, sem dúvida, como um espaço de convívio e/ou reunião pois tinha um banco de alvenaria corrido todo ao seu redor, com um comprimento total próximo dos 30 m, no qual se podiam sentar até 75 pessoas. Trata-se de uma construção de fraca qualidade, em que se utilizou uma argamassa muito pouca consistência, utilizando como inertes pedras, bocados de estuque, fragmentos de cerâmica e telhas e até conchas. Era revestido a estuque por uma pasta semelhante à do próprio banco. A sua altura original pode ser deduzida pelo local onde se interrompeu a aplicação do reboco sobre as paredes este e sul: uma altura média de 0,60 m acima do pavimento de tijolo. Um reboco cinzento, com uma espessura de 1 a 1,5 cm, recobria a parede vertical destes bancos: restou dele ainda um pouco nos cantos sudeste e sudoeste da sala, onde se notam mesmo traços de pintura vermelha, desenhando uma espécie de rodapé (Étienne, Makaroun e Mayet, 1984:149).

Na construção desta sala, o espaço vazio entre a cisterna e o *frigidarium*, com uma largura de 0,40/0,52 m, nunca foi preenchido por uma construção sólida. Este

angioportus explica-se pelo facto de ser desaconselhável que uma cisterna, mesmo estanque, se apoie contra a parede duma construção.

O pavimento só se conservou na metade meridional do compartimento. (cf. Étienne, Makaroun e Mayet, p. 149) É constituído por lajes cerâmicas, de pasta branca amarelada, quase quadradas (28,5 a 29,5 cm de lado). As fiadas de lajes estão umas vezes alinhadas, outras ligeiramente deslocadas, outras vezes ainda dispostas em quincôncio. Quando a 25 de Setembro de 1956 se varreu a zona sudeste da sala encontraram-se lajes partidas onde, em reparações antigas, se tinham preenchido os espaços com bocados de mármore, talvez reaproveitamentos de outras paredes das termas. Isto prova o carácter tardio da construção deste espaço em que, para além do mosaico do *frigidarium* estar já em franca decomposição, o revestimento das paredes noutras salas se encontrava também em desagregação, limitando-se os seus espaços a ser preenchidos com argamassa. A função balnear parece ser ultrapassada pela utilização do espaço como zona de convívio. A qualidade da construção já não parece ser importante, talvez reflexo de um novo nível de frequentadores: talvez já em época não de grandes empresários mas de pequenos empreendedores individuais funcionando talvez em regime corporativo. Nada permite afirmar (sem a análise dos materiais) se o restante espaço do complexo era ainda utilizado.

Os trabalhos de delimitação da *grande* sala sul oriental **T 6** decorreram a partir de 5 de Setembro de 1956, limpando-se a área de giestas e principiando a pôr-se os muros a descoberto; parte destes estava já à vista, jazendo os restantes sob uma média de 0,30 m de terra e areia (contando a partir do cimo dos mesmos). Os muros atingiam, pelo menos em alguns pontos, alturas de mais ou menos 3 m.

A escavação efectuou-se por talhões começando pelo sudeste.

Sobre o chão, originalmente pavimentado, depunha-se uma camada de areia clara.

Começando pela zona sul-este, encontraram-se, sobre o pavimento vários pregos de ferro, alguns inteiros e fragmentos doutros. O muro apresentava áreas com restos de estuque pintado. Junto da parede sudeste via-se um troço duma caleira. No talhão sul-oeste, a 0,10 m do pavimento, encontrou-se um pedaço solto de fragmento preto e branco. Na zona centro-este, havia bocados de mármore a substituir algumas lajes do pavimento. No talhão a centro-oeste deste descobriu-se uma mó. Escavou-se depois

uma zona triangular, a nordeste. No canto noroeste a areia da camada inferior era castanha (e não branca), o que se justificou pela quantidade de raízes em decomposição.

Havia alguma contaminação: encontraram-se junto ao muro sul e a -0,60 m do seu topo, duas grandes pedras queimadas, vestígios de uma fogueira feita há não muitos anos; à cota de -1,20 m, no centro da sala, encontrou-se um fragmento de copo de vidro contemporâneo.

A camada intermédia era de areia castanha com materiais de construção (caliça, estuque pintado, pedras, cerâmica, incluindo tijolo de quadrante, mármore, pregos), fragmentos de ânfora, cerâmica comum e fina, conchas e ossos.

A camada superior era de areias claras com algumas pedras grandes. Havia ainda, por cima, uma camada de terra vegetal.

Na zona nordeste existia uma infiltração daquilo que se designou como -zona dos restos de cozinha-, do exterior norte da sala. Avançando frontalmente para o exterior, através da porta, encontrar-se-ia primeiramente areia clara com algumas manchas castanhas, contendo cacos e pedras; depois a mesma areia, mas com muito mais lenticulas castanhas escuras; e finalmente, verticalmente já na face interna do troço leste do muro, uma espessa camada de entulho em que abundavam cacos, restos de cozinha, etc. Esta camada (depois designada por F) foi-se insinuando através da zona destruída do muro sendo portanto posterior à sua destruição.

A localização dos pilares centrais, faz-se pela identificação das suas fundações.

A 28 de Setembro de 1956, aproveitando um local desprovido de *lateres*, efectuou-se uma sondagem, que atingiu 0,45 m de profundidade, para observar a composição do substrato do pavimento: era constituído por areia castanha escura, com bocados de tijolo e *imbrices* colocados horizontalmente e pedras, cacos, bocados de caliça, pedaços de cerâmica fina, fragmentos de estuque, seixos rolados, dentes de animais, conchas.

3. O exterior da Sala T6

Nos dias 6,7 e 8 de Setembro, às cotas de -0,40 m a - 0,80 m, do lado de fora da sala **T6** junto ao canto norte, encontraram-se cacos de cerâmica fina e utilitária, (entre eles um bico de ânfora), um tijolo, pregos de ferro, um pedaço de prego de bronze e

uma casca de ostra; ao longo do muro sul, entre as cotas 0 e -0,55 m, também do lado de fora, encontraram-se cacos de diferentes épocas, (entre eles fundos de ânfora) e um osso.

A 1 de Outubro observou-se junto ao muro norte do *sphaeristerium* a estratigrafia, que era a seguinte:

Camada A - terra vegetal, com uma espessura média de 0,13 m.

Camada B - areia acastanhada clara e cacos raros; espessura $\pm 0,90$ m.

Camada C - areia branca amarelada em que se encontraram dois pregos de ferro; espessura $\pm 0,36$ m

Camada D - areia castanha muito escura, com muitos restos de cozinha (conchas, especialmente de mexilhão, ossos, algumas escamas de peixe, etc.), fragmentos de tijolos, cacos de cerâmica fina e vulgar, bocados de *imbrex*, caliça, algum carvão, pedras e seixos e um pequeno fragmento de mármore com moldura que jazia na parte de fora do muro NE (troço N) quase junto dele.

Esta camada parecia ser posterior à destruição do muro norte, pois imiscuí-a-se na parte destruída do mesmo.

Camada E - areia clara com manchas castanhas com cacos de cerâmica fina e utilitária, fragmentos de *imbrex*, caliça, carvão, pregos e também restos de cozinha (ossos, espinhas, escamas), além de algumas pedras; espessura 0,20 m.

Camada F - areia castanha muito escura, com entulho de que fazem parte restos de cozinha (ossos, conchas várias, de mexilhão, ostra, canivete, amêijoas, etc.) cacos, incluindo uma asa de ânfora, caliça, pedras, fragmentos de *imbrex*, bocados de tijolo, cerâmica fina, um bocado de vidro, uma *tessela*, carvão em bocadinhos e um dente talvez de javali; espessura $\pm 0,80$ m. Esta camada estava inferiormente em contacto com o pavimento da entrada NE do *sphaeristerium*.

A 3 de Outubro começou a ser aberta uma grande vala mais ou menos paralela aos muros norte do *sphaeristerium*, na direcção oeste-este, que prolongaria para poente o troço de 3 metros já aberto anteriormente. Nesta vala foi descoberto um conjunto funerário constituído por uma sepultura coberta de tijolos e *imbrex*, T3; a este desta, uma ânfora funerária, T4, bem metida na camada preta, à cota -1,0 m; e uma outra ânfora, T5, à cota -0,80 m; e ainda uma pedra grande, um vasilho, um grande

imbrex, um outro *imbrex* e um fragmento de grande vaso bojudo. Todo este conjunto tinha terra negra por cima. Sob a sepultura encontrou-se uma curiosa conta policroma de vidro que Manuel Heleno descreve no seu bloco como sendo cilíndrica com desenhos em relevo e semelhante a duas aparecidas junto dum sepultura de ânfora. Dia 6 encontram-se, dentro deste conjunto, dois anzóis de bronze, uma *tessela* azul de pasta vítrea, um bocado de bronze, um dente canino talvez de felino, 14 moedas de bronze, muitas coroas dentárias de peixe e uma vieira.

A 19 de Outubro, Bandeira Ferreira e Manuel Heleno viram no muro oeste, muito próximo do canto noroeste, do *sphaeristerium* um fragmento de *imbrex* com os restos dum inscrição (desenhado no Diário de Campo de Bandeira Ferreira, na flh..69). Segundo J. Roldão estava metido no muro servindo de material de construção o que é apoiado pela circunstância de apresentar argamassa igual à do muro, na sua face côncava. Facto que é confirmado por Manuel Heleno, no seu pequeno caderninho. Apesar de não haver dúvidas do local em que se encontrou, no inventário do MNA esta peça (623.1) é registada como – cerâmica fora das salas junto dos alveus 2. Ora o *alveus* 2, fica a sul, a não ser que haja aqui uma confusão com os tanques da fábrica?

4. O abastecimento e armazenamento de água

O abastecimento de água ao balneário era originalmente feito através dum aqueduto que partia dum poço (T8) situado a este. Partindo do poço, o aqueduto dirigia-se em ângulo recto, depois para oeste, depois para sul, e ainda para oeste, para alimentar a cisterna primitiva, sob o *frigidarium* (T4). Nessa primeira fase repousava sobre arcos. Em determinado momento, este aqueduto foi parcialmente coberto para a construção dos novos espaços: o *frigidarium* e a Sala dos Três Pilares.

Entre o *frigidarium* e a cisterna T7 e existe um *angioportus*. Uma sondagem pôs em evidência, neste espaço vazio, duas pedras que parecem corresponder aos restos do aqueduto que trazia a água à cisterna antiga e a qual se encontraria primitivamente no local do *frigidarium* (cf. Étienne, Makaroun e Mayet, 1994: 146).

Podem ainda encontrar-se vestígios de três arcos, dois ao norte e um a oeste (*idem*); foram construídos em tijolo mas estão muito destruídos. Quando se construiu a

cisterna nova, **7**, o aqueduto foi reedificado segundo o mesmo traçado, mas os arcos foram preenchidos e o perfil elevado.

T7

Depois desta desactivação, e da construção do *frigidarium*, edificou-se uma nova cisterna mais perto do poço (**T7**) com 2,60 m x 5,45 m, tendo 0,60 m de profundidade e uma capacidade de 8,424 m³.

A cisterna (**7**) é uma construção rectangular, à qual se encostou mais tarde a grande Sala dos Três Pilares. A profundidade útil de água é de cerca de 0,60 m.

O fundo da cisterna é mais alto que o nível médio de circulação no *frigidarium*, devido à necessidade de alimentar as piscinas de água fria (**T4b** e **T4c**)

Os muros são de construção cuidada: grandes pedras de calcário ligadas com argamassa e calçadas com numerosas lascas; são revestidos, tanto no interior como sobre as margens, por um excelente “betão cerâmico” (Étienne, Makaroun e Mayet, p. 152).

A entrada da água fazia-se pelo canto nordeste por um canal actualmente destruído. A evacuação fazia-se ao sul, facilitada por uma concavidade afunilada na meia-cana, e assegurada por um cano de chumbo, de secção oval. Este cano estava encastrado num pequeno cubículo e protegido por um lintel de pedra visível, no exterior do muro.

A partir da cisterna, a alimentação das piscinas frias (**T4b** e **T4c**), era assegurada por um cano de chumbo que atravessava o muro oeste da piscina, à altura das ditas. Vê-se ainda a sua entrada no muro sul, sob a janela da piscina rectangular **T4c**.

O nível máximo da água era mantido por um escoadouro, através dum corte em forma de V talhado na margem do muro oriental. A água excedente lançava-se num canal, sustido por um muro que dobrava a este a cisterna.

Registou-se que ao enchimento da **T7** se sobrepunha areia clara e, sobre esta, a habitual terra vegetal. A camada superior, já do enchimento da cisterna, era de areia castanha com muito entulho (cerca 1,30 m, de espessura): pedras, fragmentos de estuque, fragmentos de cerâmica de construção (tijolo e *imbrex*), bocados de mármore, cacos, cerâmica fina, pedaços de lucerna e fragmentos de ânfora, lascas de osso; a camada inferior era de areia clara com grande quantidade de cerâmica comum e alguma cerâmica fina, alguns fragmentos de estuque, raros pedaços de cerâmica de construção

(tijolo e *imbrex*) e de pedras, um bocado de mármore, alguns ossos e conchas, e uma moeda de bronze de Constantinopla. De registar – no desenho do corte HH' do Diário de Bandeira Ferreira- (no qual se vê o dreno) sobre as areias da camada superior do enchimento, um grande aglomerado de imbrices partidos (na zona mais a sul da cisterna): uma sepultura?

Ligado à piscina encontraram-se: o resto duma caleira no muro norte e de um dreno no muro sul. Do lado de fora do dreno (exterior da parede sul) havia areia cinzenta com entulho muito concentrado: fragmentos de estuque, pedaços de mármore, bocados de *tegulae* e *imbrices*, tijolos partidos, um ralo de chumbo amachucado, fragmentos de lucernas, alfinetes de osso, ossos e conchas, fundos de ânfora, três pregos de ferro (um com uma *tessela* aderente), cacos vulgares, um pedaço de vidro azulado, fragmentos de cerâmica fina, uma boca de ânfora de uma só asa [?], algumas centenas de *tessellae*, pedras, bocadinhos de carvão e seixos rolados. O ralo de chumbo e o prego com *tessellae* aderentes fazem parte do inventário do MNA (registo 203.1 e 203.3), mas estão registados num contexto nomeado: Termas, entrada nordeste, entulho.

A 11 de Setembro encontrou-se próximo do fundo a ânfora funerária T1 e a 13 de Setembro, continuando-se a limpeza do tanque, a ânfora T2.

T8

O abastecimento de águas fazia-se a partir dum poço (8) do qual a água chegava às termas através dum aqueduto, sendo armazenada na cisterna (7).

O poço encontra-se situado a este do edifício termal, sendo formado por um arco de círculo vindo firmar-se sobre um muro rectilíneo, uma espécie de pilar, que sustinha a saída do aqueduto.

Ligado ao pilar, e cuidadosamente imbricado com ele, fica o arranque do aqueduto e do seu primeiro arco.

VI. Os complexos de escavação: tentativas de identificação/localização

1. Os complexos inventariados pelo Museu Nacional de Arqueologia

Na base de dados informática do Museu Nacional de Arqueologia, à pesquisa pelo termo –Termastroia–, correspondem as seguintes designações e complexos:

<u>sítio</u>	<u>designação</u>	<u>complexo</u>
Tróia	Termas A – III Camada. Talhão SE	0983.0080
Tróia	Termas	0983.0081
Tróia	Termas – entulho. Terra vegetal	0983.0082
Tróia	Termas – a Leste da parede C. Sala K	0983.0083
Tróia	Termas – Terra vegetal	0983.0084
Tróia	Termas – Barreira SE, 1958	0983.0085
Tróia	Termas – Talhão SE – Camada II, 1959	0983.0086
Tróia	Termas – Talhão SE – Camada IV, 1959	0983.0087
Tróia	Termas – Camada 4 A	0983.0088
Tróia	Termas – Talhão SE – camada V	0983.0089
Tróia	Termas – Talhão a SE, Camada 5	0983.0090
Tróia	Talhão da cabeceira do meio a SE das Termas, Camada 3	0983.0197
Tróia	Sepultura 6 (termas)	0983.0533
Tróia	Termas A. Talhão SE. 2ª camada	0983.0610
Tróia	Termas – Talhão SE. 4ª camada	0983.0611
Tróia	Termas A. 3ª camada	0983.0612
Tróia	Termas. Talhão SE. 3ª camada. 1959	0983.0613
Tróia	Termas. Talhão SE. 4ª camada (fundo das piscinas 2)	0983.0614
Tróia	Termas A. Talhão SE. 4ª camada (junto T 49)	0983.0615
Tróia	Termas. Talhão SE. 5ª camada (junto T 49)	0983.0616
Tróia	Termas. Talhão SE. 6ª camada. 1959	0983.0617
Tróia	Termas NE. 3ª camada	0983.0618
Tróia	Termas. Entulho. Talhão NO	0983.0619
Tróia	Termas. Lado Leste	0983.0620
Tróia	Termas. Sala H	0983.0621
Tróia	Termas. Junto da sala Grande (lado de fora e lado norte)	0983.0622
Tróia	Termas. Cerâmica fora das salas junto do <i>alveus</i> 2	0983.0623
Tróia	Termas. Tanque	0983.0624
Tróia	Termas. Tanque 4	0983.0625
Tróia	Termas. Corredor	0983.0626
Tróia	Termas. Sepultura 5	0983.0627
Tróia	Termas. Sepultura 11	0983.0628
Tróia	Termas. Sepultura 15	0983.0629
Tróia	Termas. Sepultura 17	0983.0630
Tróia	Termas. 3ª camada	0983.0631

Tróia	Termas. R. 15	0983.0632
Tróia	Junto das Termas. 1,50 m	0983.0633
Tróia	Termas. Talhão NW-NE. 1,20	0983.0634
Tróia	Talhão da Caldeira. SE das Termas. 3ª camada	0983.0825
Tróia	Talhão do meio da Caldeira. SE das Termas. 3ª camada. Profundidade 1,30 m	0983.0827
Tróia	Camada IV A. SE das Termas e a 7 m da parede da sala L (interior)	0983.0861
Tróia	Junto ao tanque E. A SE das Termas	0983.0906
Tróia	Talhão da Caldeira. Camada 3 (nas areias...das termas ?)	0983.0939
Tróia	Talhão SE das Termas. 5ª camada. Profundidade 1,40 m	0983.0941
Tróia	Termas. Sala T (a NW da sala) nas areias	0983.0943
Tróia	Termas. Entulho	0983.0944

As fichas indicando o sítio -Tróia-, a designação do complexo, e o respectivo número, encontram-se depois em ficha manuscrita. Nesta, consta o inventário das peças.

Embora os trabalhos de 1956 estejam minuciosamente descritos no diário de campo da campanha desse ano torna-se muito difícil estabelecer a proveniência dos materiais. A primeira tarefa foi assim a de tentar identificar os complexos e, em simultâneo contextualizar os materiais registados como provenientes de - Termastroia.

Apresentamos uma listagem dos complexos, e uma descrição dos respectivos materiais, e formulamos hipóteses de localização dentro do espaço das termas. Estas hipóteses, - que é apenas disso que se trata, na quase totalidade dos casos -, surgem por distintos motivos: designação do complexo (que muitas vezes é posta em causa porque os materiais não correspondem aos do Diário de Bandeira Ferreira); uma peça emblemática, citada, ou até ilustrada no Diário; um conjunto de materiais que parece adequar-se a uma descrição de determinados trabalhos descritos por Bandeira Ferreira.

(Os quadros com os matérias classificáveis são apresentados em anexo).

Termas A – III Camada. Talhão SE (0983.0080)

Estão registados 67 fragmentos de metal (sobretudo pregos), 48 de cerâmica comum, 6 fragmentos de vidro, 6 de estuque pintado, 2 de placa de mármore, 1 *tegula* e 2 lotes de *tessellae*: Registou-se ainda 1 lote de fauna malacológica.

Estes materiais são certamente provenientes das termas, mais concretamente da Sala T6 (ou *sphaeristerium*). O material de construção pertencerá à própria sala: pregos

do telhado; talvez algum do vidro; se for de janela; placa de mármore, que pretendemos confirmar se é idêntico ao mármore reutilizado na pavimentação, originalmente proveniente do revestimento de piscinas; estuque pintado. A quantidade de *tesselae* indica que se trata dum talhão próximo da passagem para a Sala T4a, cujo pavimento era revestido a mosaico.

Recolheram-se 4 fragmentos de TSCID, dos quais um bordo de Hayes 58 e dois fragmentos com decoração integrável no Estilo A (i/ii) de Hayes.

Registaram-se 29 fragmentos de ânfora dos quais nos foi possível observar 17: são de pasta de fabrico local e um de fabrico norte africano. Destes identificam-se: 3 formas Almagro 50; 6 de Almagro 51c V.B; um opérculo.

Este complexo pode datar-se do século V.

Termas (0983.0081)

Tal como no contexto 0983.0080 foi registada grande quantidade de fragmentos de metal, 19, (em que se incluem não só pregos e chapas, mas também argolas -uma das quais aberta, o que colocou a hipótese de ser um brinco- 1 estilete fino e anzóis). Dos materiais de construção, são 9 os fragmentos de mármore e 7 as *tesselae*. Foram ainda registados 5 fragmentos de cerâmica comum, 1 de lucerna, 2 fragmentos de um alfinete de osso trabalhado e 1 conta de pasta vítrea azul.

Pensamos que este contexto corresponda aos primeiros dias de escavação e a níveis superficiais, devido à sua designação muito genérica.

São 62 os fragmentos de *terra sigillata*, 2 de TSH, 2 de TSCIC, 57 de TSCID e um de Cerâmica de Cozinha Africana. São 21 os fragmentos classificáveis: 2 Hayes 59; 6 Hayes 61; 7 Hayes 67; 2 Hayes 64; 2 Hayes 71/76; 3 Hayes 91; 1 Hayes 181; 3 fragmentos de fundo decorado inseríveis no estilo A(i/ii) de Hayes.

Este complexo apresenta uma grande amplitude cronológica do século I/II a meados do século IV.

Termas – entulho. Terra vegetal (00983.0082)

1 fragmento de metal (bronze).

É impossível determinar o local.

Termas – a Leste da parede C. Sala K (0983.0083)

Não pertence às termas: a parede C é a parede norte da sala H da fábrica de salga.

Termas – Terra vegetal (0983.0084)

1 fragmento de metal (ferro).

A situação, relativamente a uma proposta de localização, é exactamente idêntica à do contexto 0983.0082.

Termas – Barreira SE, 1958 (0983.0085)

Não pertence às termas. SE da parede C da fábrica de salga.

Termas – Talhão SE – Camada II, 1959 (0983.0086)

1 fragmento de metal (prego), 6 de cerâmica comum, 3 de vidro, 7 de fauna malacológica e 1 *tessela*.

Um complexo escavado em 1959, para o qual partimos do princípio que se localizará também na zona da Sala T6, talvez no exterior da parede, pois a sala foi considerada terminada de escavar em 1956.

O material datante consiste em 22 fragmentos de *terra sigillata*, 2 de TSCIC e os outros 20 de TSCID. Os fragmentos classificáveis são: 1 de Hayes 58; 2 de Hayes 64; 4 de Hayes 61/67.

Está registado 1 fragmento de ânfora que não observámos.

Pode datar-se, o complexo, do século V.

Termas – Talhão SE – Camada IV, 1959 (0983.0087)

Foram recolhidos 3 fragmentos de metal (prego e chapas), 1 de vidro, 8 de fauna malacológica, 10 de outra fauna mamalógica e ictiológica, 9 de cerâmica comum, 5 de imbrex, 1 de mármore e inúmeras *tesselae*.

Repete-se a situação relativa ao complexo 0983.0086, também não sabemos quem escavou e onde se localiza.

São 25 os fragmentos de *terra sigillata*, todos de TSCID. Identifica-se um fragmento de Hayes 59 e 1 de Hayes 60.

Pode datar-se do século V.

Termas – Camada 4 A (0983.0088)

1 fragmento de bronze.

É impossível adiantar seja o que for sobre a sua localização, excepto se o fragmento de bronze for identificável no Diário de Campo, mas não observámos ainda os metais.

Termas – Talhão SE – camada V (0983.0089)

1 fragmento de metal (bronze).

Situação exactamente idêntica, quanto à localização do complexo, à do 0983.0088.

Termas – Talhão a SE, Camada 5 (0983.0090)

Foram recolhidos 14 fragmentos de metal (pregos, chapas e um anzol), 38 de cerâmica comum, 14 de vidro, 2 de estuque pintado, 1 de mármore, inúmeras *tesselae*, 3 lotes de concha e ossos, 1 amostra de areia.

Julgamos tratar-se da Sala T6. A quantidade de *tesselae* parece, mais uma vez apontar para uma proximidade com a passagem para a sala T4a.

São 71 os fragmentos de *terra sigillata*: 1 de TSS; 4 de TSCIA, 9 de TSCIC e 57 de TSCID. Os fragmentos classificáveis integram-se nas formas: 3 Hayes 45; 2 Hayes 50; 4 Hayes 58; 1 Hayes 59; 9 Hayes 61/67; 1 fragmento com decoração integrável no Estilo A (i/oi) de Hayes.

Observámos 1 fragmento de ânfora: Almagro 51c V. B.

Este complexo apresenta uma grande amplitude cronológica desde o século I aos meados do século VI.

Talhão da cabeceira do meio a SE das Termas, Camada 3 (0983.0197)

Não considerado. Não pertence às termas.

Sepultura T6 (termas) (0983.0533)

Não pertence às termas. É na fábrica de salga.

Termas. Talhão SE. 2ª camada (0983.0610)

Estão registados 21 fragmentos de cerâmica comum, 1 de vidro e 1 de fauna malacológica.

Sala T6?

Termas. Talhão SE. 4ª camada (0983.0611)

Foi recolhida 1 amostra da camada, 2 fragmentos de fresco, 2 lotes de *tesselae* e fragmentos de mosaico, 8 de fauna mamalógica, 1 de fauna malacológica 64 de cerâmica comum, 1 de imbrex, 4 calhaus rolado, 1 de vidro, 1 osso trabalhado.

Sala T6, junto à passagem para a sala T4a, ou já sala T4a? A abundância de fragmentos de mosaico torna plausível que apesar da designação SE e não SO, se trate já da sala T4a.

São 4 os fragmentos de *terra sigillata*, todos de TSCID sendo classificáveis 2 fragmentos de Hayes 58.

Dos 29 fragmentos de ânfora apenas observámos 1: é da forma Almagro 51c V. B.

Pode datar-se do século I/II a inícios do século V.

Termas A. 3ª camada (0983.0612)

São 3 os fragmentos de cerâmica comum mais um lote de 28 fragmentos incaracterísticos da mesma, 2 de vidro, 2 de osso trabalhado (alfinete com cabeça), 1 de opus com *tesselae*, 1 de fresco, 1 amostra de terra.

Tratar-se-à, talvez, do exterior e interior da cisterna T7 segundo o corte HH' do Diário de Campo de 1956 e da referência de Bandeira Ferreira a 13 Setembro (flh. 23): Colho par dentro dum frasco amostras do conteúdo do “tanque” (frasco n.º 1). Não deixa de se ser uma hipótese com pouco fundamento, mas é a que podemos adiantar.

São 54 os fragmentos de terra sigillata: 1 de TSH; 2 de TSCIC; 51 de TSCID. 2 formas são classificáveis: 2 fragmentos de Hayes 50.

Observámos 1 fragmento de ânfora, o único registado: forma Almagro 51c V. B

Data-se do século I ao V.

Termas. Talhão SE. 3ª camada. 1959 (0983.0613)

Recolheu-se 1 fragmento de cerâmica comum e 1 de mármore.

Mais um complexo de 1959, do qual apenas se pode calcular situar-se junto ou na sala T6.

1 fragmento de TSCID da forma Hayes 61.

6 fragmentos de ânfora, de que observámos 2, um deles classificável como da forma Almagro 50.

Data-se do século V.

Termas. Talhão SE. 4ª camada (fundo das piscinas 2) (0983.0614)

Não pertence às termas. Reservatório 2 da fábrica de salga.

Termas A. Talhão SE. 4ª camada (junto T 49) (0983.0615)

T49 julgamos ser uma sepultura, por ter sido escavado até ao pavimento o edifício, só se poderá localizar no seu exterior. Não foi certamente escavado o complexo em 1956. Entregou 2 fragmentos de cerâmica comum e recolheu-se 1 amostra do interior (talvez da sepultura).

Termas. Talhão SE. 5ª camada (junto T 49) (0983.0616)

Mesma localização do complexo 0983.0615. Recolheu-se 1 fragmento de pasta vítrea.

Recolheram-se ainda 49 fragmentos de terra sigillata: 1 de TSS; 1 de TSH; 2 de TSCIA; 6 de TSCIC; 39 de TSCID. São fragmentos classificáveis: 2 de Hayes 14-17; 2 de Hayes 45; 4 de Hayes 50; 7 de Hayes 58; 1 de Hayes 61; 2 de Hayes 91; 1 fragmento apresenta decoração integrável no Estilo A (i/ii) de Hayes.

Apresenta uma grande amplitude cronológica, do século I a meados do século VI.

Termas. Talhão SE. 6ª camada. 1959 (0983.0617)

Julgamos tratar-se da mesma localização do contexto 0983.0615. No interior do 0983.0615 e do 0983.0617 ter-se-á individualizado o 0983.0616, por se tratar de uma zona de sepultura. Recolheram-se 7 fragmentos de cerâmica comum, 2 de mármore, 25 de fauna mamalógica, 1 de fauna ictiológica, 1 lote de conchas.

Recolheram-se também 4 fragmentos de ânfora que não nos foi possível observar.

Termas NE. 3ª camada (0983.0618)

Exterior da sala T6.

Foram recolhidos 3 fragmentos de *terra sigillata*: 1 de Hayes 60; 2 de Hayes 71/76.

Data-se do século V.

Termas. Entulho. Talhão NO (0983.0619)

Fábrica I. Não pertence às termas.

Termas. Lado Leste (0983.0620)

1 fundo de TSCID decorado no estilo A(i/ii) de Hayes.

Data-se dos meados do século V.

Termas. Sala H (0983.0621)

Sala da fábrica de salga.

Termas. Junto da sala Grande (lado de fora e do lado norte) (0983.0622)

Espaço entre a sala T6 e a fábrica I. Recolheram-se 3 fragmento de fresco e 2 de fauna malacológica.

Recolheram-se 9 fragmentos de ânfora dos quais podemos observar 3 de pasta local, 1 classificável como da forma Almagro 51 c V. B.

Data-se de meados do século IV.

Termas. Cerâmica fora das salas junto do alveus 2 (0983.0623)

O alveus 2 terá que ser o tanque 2 da fábrica I. Recolheu-se 1 fragmento de ímbrex com grafito, que está desenhado no Diário. Neste, é ainda realizada a seguinte

descrição: *Outubro 19 – O Prof. Heleno e eu vamos à Tróia. Logo à chegada vejo no muro NW do sphaeristerium, muito próximo do canto N um pequeno fragmento de imbrex com os restos de inscrição que o desenho ao lado mostra [este desenho é da peça inventariada com o nº 983.623.1]. Segundo J. Roldão estava metido no mesmo muro, servindo de material de construção, o que é apoiado pela circunstância de na face côncava ter restos de argamassa igual à do muro.*

Termas. Tanque (0983.0624)

Tanque da fábrica.

Termas. Tanque 4 (0983.0625)

Tanque da fábrica

Termas. Corredor (0983.0626)

É seguramente a sala H da fábrica assim designada várias vezes no Diário, e não o que se designa brevemente por corredor no *atrium* (13 Setembro 1956: flh.23); se fosse corredor *atrium*, a sala T4a, haveria grande quantidade de *tessellae*.

Termas. Sepultura 5 (0983.0627)

No Diário de Campo de 1956 é feita a seguinte descrição: *Outubro 19 – (...) Esta sepultura [T5], conforme se pode ver nas fotos da pág. 64-A é uma das mais curiosas surgidas na Tróia, pois é composta dum amálgama de peças de cerâmica: uma ânfora, um grande fragmento de vaso bojudo e dois imbrices, além de vários cacos e algumas pedras. (flh.69 do Diário de Campo)*

Recolheram-se 10 fragmentos de imbrex 222 fragmentos de cerâmica comum ânfora.

Duas entradas de inventário reportam-se a fragmentos de ânfora não classificável: do 107 ao 207 e do 208 ao 232. Os fragmentos são de pasta local e, aparentemente, cada lote corresponde a uma única peça.

Termas. Sepultura 11 (0983.0628)

É feita a seguinte descrição no Diário: *5 Dezembro 1956 - Prossegue a remoção das areias que tinham sido atiradas da vala para a sala J, e continua-se com a exploração da mesma sala. Neste trabalho, vêm a ser descobertas as ânforas funerárias T11, T12 e T13, à cota -1,36. Orientação: da T11 e T12 – NW- SE; da T13 – NW – SW (?)*.

Foram recolhidos 111 fragmentos de ânfora que ainda não se puderam localizar nas reservas do MNA.

Termas. Sepultura 15 (0983.0629)

Não é mencionada. Em 1956 só se refere até à T13.

Termas. Sepultura 17 (0983.0630)

Não é mencionada em 1956.

Termas. 3ª camada (0983.0631)

2 fragmentos de terra sigillata que não foram observados.

Termas. R 15 (0983.0632)

Não considerado. Uma das cetárias da fábrica.

Junto das termas. 1,50 m (0983.0633)

Não considerado. 1 fragmento de cerâmica comum. Trata-se na realidade não de um fragmento mas de um pote/panela intacto: n.º de registo 0633.1.

Termas. Talhão NW-NE. 1,20 m (0983.0634)

Foi recolhido 1 fragmento de lucerna. Este contexto não está dentro do perímetro das termas. É a lucerna do galgo, referida no Diário de Campo. Marcada na peça, como de 1957.

Talhão da Caldeira. SE das Termas. 3ª camada. Profundidade 1,30 m (0983.0825)

Não considerado.

Talhão do meio da Caldeira. SE das Termas. 3ª camada (0983.0827)

Não considerado.

Camada IV A, a NW das Termas e a 7 m da parede da sala L (interior (0983.0861)

Não pertence às termas. Sala da fábrica.

Junto ao tanque E. A SE das Termas (0983.0906)

14 fragmentos de *terra sigillata*, 2 Cerâmica Cozinha Africana. Não se encontra qualquer referência ao tanque E. em 1956. Se o E. é uma referência geográfica talvez se trate da cisterna T7.

Talhão da Caldeira. Camada 3 (nas areias...das termas ?) (0983.0939)

Não considerado. Talvez areias removidas do interior das termas.

Talhão SE das Termas. 5º camada. Profundidade 1,40 m (0983.0941)

3 fragmentos de *terra sigillata*. Todos de TSH, 2 classificáveis: 1 de Dragendorff 24/25 e outro de Dragendorff 18/31.

Tratar-se-à dum sondagem ou, pelo menos, de uma recolha muito selectiva, pois estes 3 fragmentos são os únicos materiais recolhidos neste complexo.

Data-se do século I/II.

Termas. Sala T (a NW da sala). Nas areias (0983.0943)

Não pertence às termas

Termas. Entulho (0983.0944)

1 fragmento de lucerna. Não pertence às termas este complexo, segundo o Diário: *3 de Outubro de 1956 - A NE das termas, no exterior, e passando por cima do muro norte da fábrica, enchendo parcialmente o canto NE da sala comprida [fábrica 1] Jaime Roldão retirou uma lucerna quase inteira, a que só faltava parte de rostrum.*

2. A cronologia dos complexos

<u>sítio</u>	<u>designação</u>	<u>complexo</u>
Tróia	Termas A – III Camada. Talhão SE	0983.0080
Tróia	Termas	0983.0081
Tróia	Termas – entulho. Terra vegetal	0983.0082
Tróia	Termas – Terra vegetal	0983.0084
Tróia	Termas – Talhão SE – Camada II, 1959	0983.0086
Tróia	Termas – Talhão SE – Camada IV, 1959	0983.0087
Tróia	Termas – Camada 4 A	0983.0088
Tróia	Termas – Talhão SE – camada V	0983.0089
Tróia	Termas – Talhão a SE, Camada 5	0983.0090
Tróia	Termas A. Talhão SE. 2ª camada	0983.0610
Tróia	Termas – Talhão SE. 4ª camada	0983.0611
Tróia	Termas A. 3ª camada	0983.0612
Tróia	Termas. Talhão SE. 3ª camada. 1959	0983.0613
Tróia	Termas A. Talhão SE. 4ª camada (junto T 49)	0983.0615
Tróia	Termas. Talhão SE. 5ª camada (junto T 49)	0983.0616
Tróia	Termas. Talhão SE. 6ª camada. 1959	0983.0617
Tróia	Termas NE. 3ª camada	0983.0618
Tróia	Termas. Lado Leste	0983.0620
Tróia	Termas. Junto da sala Grande (lado de fora e lado norte)	0983.0622
Tróia	Termas. Cerâmica fora das salas junto do alveus 2	0983.0623
Tróia	Termas. Sepultura 5	0983.0627
Tróia	Termas. Sepultura 11	0983.0628
Tróia	Termas. 3ª camada	0983.0631
Tróia	Termas. Talhão NW-NE. 1,20	0983.0634
Tróia	Talhão SE das Termas. 5ª camada. Profundidade 1,40 m	0983.0941
Tróia	Termas. Entulho	0983.0944

Eliminados os complexos equivocadamente designados como pertencentes às termas, são estes os que ficam. As dúvidas quanto aos contextos que representam continuam. Talvez a análise de outros materiais ajude a esclarecê-las. Quanto aos complexos escavados em 1959 só muito dificilmente se localizarão.

Não se podem apontar diferenças cronológicas entre complexos. Aqueles que contêm materiais mais antigos não são de camadas estratigraficamente anteriores, até porque não é possível estabelecer estratigrafias visto haver testemunhos escritos duma contaminação praticamente generalizada.

VII. As últimas produções de *terra sigillata* na área das termas

1. Metodologia

Composição da amostra:

A amostra é composta por um conjunto de 85 fragmentos de elementos identificativos de formas de *terra sigillata*, na generalidade bordos, excepto no caso da forma Hayes 91 em que é a aba lateral o melhor elemento identificativo da peça.

Crítérios de quantificação:

O Número Mínimo de Indivíduos (NMI) obteve-se pela contagem do elemento que mais facilmente identifica a peça: bordo, aba lateral.

Os fragmentos que permitiam colagem foram considerados como um único indivíduo.

Classificação e tipologias adoptadas:

Foi adoptada a designação *terra sigillata* clara (TSCI), a mais utilizada no meio arqueológico português.

Os fragmentos foram identificados -em produções-, classificados -em formas- e datados segundo *Late Roman Pottery* (Hayes, 1972) e *Atlante delle forme ceramiche* (Carandini, 1981).

2. As cerâmicas

Fragmentos classificáveis

N.º Inventário	Fabrico	Forma	Diâmetro	N.º fragm.	Cronologia	Ilustração
983.80.153	TSCID	H. 59	220 mm	1	320 - 420	Est. II
983.81.22	TSCID	H. 67	n.det..	2	360 - 470	
983.81.23	TSCID	H. 67	300 mm.	1	360 - 470	
983.81.40	TSCID	H. 67	280 mm	1	360 - 470	Est. II
983.81.41	TSCID	H. 67	220 mm	1	360 - 470	Est. II
983.81.42	TSCID	H. 61A	n.det.	1	325 - 400	
983.81.43	TSCID	H. 76	n.det.	1	425 - 475	
983.81.45	TSCID	H. 91A/B	n.det.	1	450 - 530	Est. IV

983.81.46	TSCID	H. 67	n.det.	1	360 - 470	
983.81.47	TSCID	H. 61A	n.det.	1	325 - 400	
983.81.49	TSCID	H. 67	n.det.	1	360 - 470	
983.81.50	TSCID	H. 67	n.det.	1	360 - 470	
983.81.51	TSCID	H. 61A	n.det.	1	325 - 400	
983.81.53	TSCID	H. 64	n.det.	1	f. IV – i./m. V	
983.81.54	TSCID	H. 61A	n.det.	1	325 - 400	
983.81.56	TSCID.	H. 61A	n.det.	1	325 - 400	Est. III
983.81.80	Cer.Co.z.Afr.	H. 181	280 mm	1	II – i. V	
983.81.81	TSCID	H. 61A	320 mm	1	325 - 400	
983.81.82	TSCID	H. 91A/B	n. det.	1	450 - 530	Est. IV
983.81.83	TSCID	H. 64	n.det.	1	f. IV – i./m. V	
983.81.84	TSCID	H. 59	n.det.	1	320 - 420	
983.81.86	TSCID	H. 76	280 mm	1	425 - 475	
983.81.87	TSCID	H. 71A	n.det.	1	375 – 400/420	
983.86.2	TSCID	H. 67	180 mm	4	360 - 470	Est. II
983.86.3	TSCID	H. 61B	n.det.	1	400/420 - 450	
983.86.4	TSCID	H. 67	n.det.	1	360 - 470	
983.86.5	TSCID	H. 58	300 mm	1	290 / 300 - 375	Est. I
983.86.6	TSCID	H. 64	n.det.	1	f. IV – i./m. V	
983.86.7	TSCID	H. 61A	280 mm	1	325 - 400	Est. III
983.86.8	TSCID	H. 61B	n.det.	1	400/420 - 450	
983.86.40	TSCID	H. 64	n.det.	1	f. IV – i./m. V	
983.87.15	TSCID	H. 59	260 mm	1	320 – 380/400	Est. II
983.87.16	TSCID	H. 78	n.det.	1	360 - 460	
983.87.22	TSCID	H. 58	n.det.	1	290 / 300 - 375	
983.90.27	TSCID	H. 67	n.det.	1	360 - 470	
983.90.32	TSCIC	H. 50	260 mm	4	230/240 – 400	
983.90.33	TSCIA	H. 45A	270 mm	1	230/240 - 320	
983.90.35	TSCID	H. 61B	300 mm	2	400/420 - 450	Est. III
983.90.37	TSCIA	H. 45C	n.det.	1	inícios IV	
983.90.38	TSCID	H. 45C	n.det.	1	inícios IV	
983.90.39	TSCID	H. 58	n.det.	1	290 / 300 - 375	
983.90.40	TSCID	H. 61A	n.det.	1	290 / 300 - 375	
983.90.41	TSCID	H. 61A	n.det.	1	290 / 300 - 375	
983.90.42	TSCID	H. 61A	n.det.	1	290 / 300 - 375	
983.90.60	TSCID	H. 67	n.det.	1	360 - 470	
983.90.61	TSCID	H. 67	n.det.	1	360 - 470	
983.90.95	TSCID	H. 58	380 mm	1	290 / 300 - 375	Est. I
983.90.97	TSCID	H. 58	250 mm	1	290 / 300 - 375	Est. I
983.90.99	TSCID	H. 58	270 mm	1	290 / 300 - 375	Est. I
983.90.100	TSCID	H. 61A	260 mm	1	290 / 300 - 375	
983.90.102	TSCID	H. 61A	n.det.	1	290 / 300 - 375	
983.90.103	TSCID	H. 50	n.det.	1	230/240 - 325	
983.90.104	TSCIC	H. 45B	n.det.	1	230/240 - 325	

983.90.106	TSCID	H. 50	300 mm	1	230/240 - 400	
983.90.107	TSCID	H. 59	n.det.	1	320 - 420	
983.90.109	TSCID	H. 59	n.det.	1	320 - 420	
983.90.111	TSCID	H. 67	n.det.	1	360 - 470	
983.611.76	TSCID	H. 58	n.det.	1	290 / 300 - 375	
983.611.113	TSCID	H. 58	n.det.	1	290 / 300 - 375	
983.612.2	TSCIC	H. 50	n.det.	1	230/240 - 400	
983.612.3	TSCIC	H. 50	n.det.	1	230/240 - 400	
983.613.1	TSCID	H. 61A	260 mm	1	290 / 300 - 375	Est. III
983.616.1	TSCID	H. 58	290 mm	2	290 / 300 - 375	Est. I
983.616.18	TSCIA	H. 14-17	160 mm	2	finais IV – i./m. V	
983.616.19	TSCID	H. 91A/B	n.det.	1	450 - 530	
983.616.21	TSCIC	H. 50	280 mm	1	230/240 - 325	
983.616.23	TSCIA.	H. 14-17	n.det.	2	inícios/meados III	
983.616.24	TSCIC	H. 50	n.det.	1	230/240 - 400	
983.616.25	TSCID.	H. 45C	n.det.	1	360 - 470	
983.616.29	TSCIC	H. 50	n.det.	1	230/240 - 400	
983.616.31	TSCIC	H. 45A	n.det.	2	230/240 - 320	
983.616.32	TSCID.	H. 58	n.det.	1	290 / 300 - 375	
983.616.34	TSCID.	H. 61B	n.det.	1	400/420 - 450	
983.616.36	TSCID	H. 58	n.det.	1	290/300 - 375	
983.616.37	TSCID.	H. 91A/B	n.det.	1	450 - 530	Est. IV
983.616.39	TSCID	H. 58	n.det.	1	290/300 - 375	
983.616.41	TSCID	H. 61B	n.det.	1	400/420 - 450	
983.616.42	TSCID	H. 58	n.det.	1	290/300 - 375	
983.616.43	TSCID	H. 58	n.det.	1	290/300 - 375	
983.616.44	TSCID	H. 59	n.det.	1	320 - 420	
983.618.1	TSCID	H. 60	420 mm	1	360 - 470	Est. II
983.618.2	TSCID	H. 76	n.det.	1	360 - 475	
983.618.3	TSCID	H. 71	n.det.	1	375 – inícios V	
983.941.1	T.S.H	Drag. 24/25	n.det.	1	20 - 60	
983.941.2	T.S.H	Drag. 18/31	n.det.	1	40 - 140	

Hayes 45

A forma Hayes 45 corresponde a uma caçoila de parede curva, base plana e pé pequeno triangular.

O bordo é em aba larga, oblíquo. A variante A é decorada a guilhoché no bordo e fundo interno. A variante B tem caneluras sobre o bordo, e por vezes sob este, e na zona central. A C tem o bordo descaído.

Está presente nas jazidas do Mediterrâneo e da costa atlântica.

Datam-se, o tipo A e B, entre 230/240 e 320, e o tipo C, em começos do século IV.

983.90.33 – Fragmento de aba e pequena fracção de parede. Variante A, três faixas roletadas e canelura na extremidade do bordo. Pasta laranja, de textura média; engobe sedoso e semi-brilhante.

983.90.37 - Fragmento de aba. Variante C, bordo descaído. Pasta laranja, de textura média; engobe espesso e brilhante. Fabrico A.

983.90.38 – Fragmento de aba. Variante C, bordo descaído. Pasta laranja, de textura média; engobe sedoso e mate.

983.90.104 – Fragmento de aba. Variante B, canelura na extremidade do bordo. Pasta laranja de textura média; engobe semi-brilhante (conserva-se apenas em pequenos pontos).

983.616.31– Dois fragmentos que colam, de bordo, com uma canelura no extremo e uma faixa de guilhoché na parte mediana, e parte da parede. Pasta avermelhada de textura média; engobe espesso e mate. Pasta semelhante à D e decoração com aspecto mais grosseiro.

Na colecção do MNA foram identificados 5 fragmentos classificáveis desta forma, um da variante A, dois da B e dois da C.

As pastas são de cor laranja; apresentam textura média; os engobes variam do mate ao brilhante, podendo ser finos ou espessos.

Hayes 50

A forma Hayes 50 corresponde a uma caçoila de paredes abertas, fundo plano com pé atrofiado ou indicado por um pequeno ressalto, sobre o fundo interno pode apresentar uma ou duas caneluras.

O bordo é indiferenciado da parede.

A variante A é de fabrico mais fino com a parede inclinada e base larga. A B tem as paredes mais abertas, um pouco curvadas e o fundo mais pequeno.

É de ampla difusão, sendo a forma mais comum da produção de TSCIC.

Data-se, a variante A, entre 230/240 e 325, e a variante B, entre 350 e 400.

983.90.32 – 4 fragmentos que colam, de bordo, parede e fundo (verificável o ressalto na parede exterior). Pasta laranja, fina; engobe sedoso e mate.

983.90.103 – Fragmento de bordo e parede. Pasta avermelhada, de textura média; engobe sedoso e espesso.

983.90.106 - Pequeno fragmento de bordo/parede. Pasta laranja, fina; engobe sedoso e mate.

983.612.2 - Fragmento de bordo e parede. Pasta avermelhada, de textura média; engobe sedoso e espesso.

983.612.3 - Fragmento de bordo e parede. Pasta avermelhada, de textura média; engobe sedoso e espesso.

983.616.21 – Fragmento de bordo e parede. Pasta laranja-avermelhada, fina; engobe sedoso e fino.

983.616.24 - Fragmento de bordo e parede. Pasta avermelhada, de textura média; engobe sedoso e espesso.

983.616.29 - Fragmento de bordo e parede. Pasta laranja-avermelhada, fina; engobe sedoso e fino.

Na coleção do MNA foram identificados 8 fragmentos classificáveis desta forma, um dos quais em pasta grosseira que poderá ser de fabrico D.

As pastas são de cor laranja ou laranja-avermelhada; apresentam textura fina ou média, com uma exceção, como vimos; os engobes são mate, podendo ser finos ou espessos.

Hayes 58/Lamboglia 52

A forma Hayes 58 corresponde a um largo prato de paredes esvasadas e fundo ligeiramente abaulado, no exterior, com pé que pode ser anelar ou simplesmente indicado por um ressalto. No interior apresenta uma canelura na união da parede com o fundo

O bordo é em aba, liso, ligeiramente descaído, podendo apresentar uma ou várias caneluras no extremo.

É uma forma muito documentada no Mediterrâneo ocidental, oriental e costa atlântica, e com ampla presença peninsular.

Data-se entre 290/300 e os inícios do século V.

983.86.5 – Fragmento do bordo, com duas caneluras, e da parede. Pasta laranja-avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.87.22 - Fragmento do bordo, com duas caneluras, e da parede. Pasta avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.90.39 – Fragmento de bordo, com duas caneluras, e da parede. Pasta laranja-acastanhado, fina e muito bem alisada, deixando ver o granulado da pasta (parece fabrico A).

983.90.95 – Fragmento de bordo, liso, e parede. Pasta avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.90.97 – Fragmento de bordo, com uma canelura, e parede. Pasta laranja-avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.90.99 - Fragmento de bordo, com uma canelura, e parede. Pasta laranja-avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.611.76- Fragmento do bordo, com duas caneluras, e da parede. Pasta avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.611.113 - Fragmento do bordo, com duas caneluras, e da parede. Pasta avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.616.1 – Dois fragmentos, que colam, de bordo, com uma canelura, parede e fundo. Pasta avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.616.32 - Fragmento do bordo, com duas caneluras, e da parede. Pasta vermelho-acastanhado, de textura média; engobe espesso e mate.

983.616.36 - Fragmento do bordo, com duas caneluras, e da parede. Pasta laranja, de textura média; engobe espesso e mate.

983.616.39 - Fragmento do bordo, com duas depressões largas, e da parede. Pasta avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.616.42 - Fragmento do bordo, com uma canelura, e da parede. Pasta laranja, de textura média; engobe espesso e mate.

983.616.43 - Fragmento do bordo, com uma canelura, e da parede. Pasta laranja, de textura média; engobe espesso e mate.

Na colecção do MNA foram identificados 14 fragmentos classificáveis desta forma, dos quais apenas 1 apresenta restos de fundo, enquanto os restantes são apenas fragmentos de bordo e parede.

As pastas vão do alaranjado ao vermelho-acastanhado; apresentam textura média, excepto um exemplar que a tem fina; os engobes são espessos e mates.

Hayes 59

A forma Hayes 59 corresponde a um prato de paredes encurvadas, relativamente baixas, o fundo é plano sem pé ou com um pequeno ressalto, apresentando, no interior uma canelura correspondente à união da parede com o fundo, sobre o qual várias caneluras enquadram a decoração estampada.

O bordo é quase horizontal, dividido em duas faixas: a exterior, mais larga apresentando ou uma canelura ou um ligeiro arredondamento em direcção ao lábio; a interior mais baixa na ligação com a parede interna.

A variante A apresenta nervuras verticais ou oblíquas na parede externa enquanto a variante B apresenta a parede lisa. A variante A data-se de 320 a 389/400; a B de 320 a 420.

É uma forma de ampla difusão.

983.80.153 – Fragmento de bordo e pequena porção da parede. Não é possível determinar a variante. Pasta alaranjada, de textura fina e muito bem alisada; engobe fino e mate, quase impossível de distinguir da pasta.

983.81.84 – Fragmento de bordo e parede. Pasta laranja- acastanhada, de textura média e bem alisada; engobe espesso e mate.

983.87.15 – Fragmento de bordo, com uma nervura na extremidade, e parede com nervuras verticais na face exterior. Pasta alaranjada, grosseira; engobe espesso e mate.

983.90.107 - Fragmento de bordo e pequena porção da parede. Pasta alaranjada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.90.109 - Fragmento de bordo e pequena porção da parede. Pasta alaranjada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.616.44 – Fragmento de bordo e pequena porção da parede. Pasta alaranjada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.619.3 - Fragmento de bordo e pequena porção da parede. Pasta alaranjada, de textura média; engobe espesso e mate.

Na colecção do MNA foram identificados 7 fragmentos classificáveis desta forma, dos quais apenas 1 se pode atribuir à variante A, os outros, pela pequena fracção de parede que conservam, não se podem atribuir a uma ou a outra.

Quanto às pastas, distinguem-se três grupos: um, de pasta alaranjada, de textura fina e engobe quase indistinguível da pasta; outro, de pasta também alaranjada, de textura média e engobe espesso e mate; uma última, de pasta alaranjada, textura grosseira e engobe espesso e mate.

Hayes 60

A forma Hayes 60 corresponde a um grande prato de fundo plano e reentrante na face exterior, apresentando no fundo interno, uma série de caneluras enquadrando a decoração estampada.

O bordo é virado para o exterior apresentando uma canelura na extremidade.

Não é uma forma muito comum, ainda que esteja presente em jazidas do Mediterrâneo e costa atlântica.

Data-se entre 320 e 468.

983.618.1 – Pequeno fragmento do bordo. Pasta laranja, de textura média; engobe espesso e mate.

983.619.4 – Grande fragmento de bordo/parede e esboço do fundo. Pasta laranja, de textura média; engobe espesso e mate.

Na coleção do MNA foram identificado dois exemplares desta forma. Um, bem conservado, pois, além do bordo e da parede, conserva também parte do fundo

Hayes 61/Lamboglia 54, 53bis

A forma Hayes 61 corresponde a uma larga tigela de parede curva e baixa. O fundo é plano, com o pé atrofiado ou uma pequena reentrância. No interior apresenta uma canelura ou várias (até cinco), na união da parede com o fundo, enquadrando decoração estampada.

Distinguem-se duas variantes: a A com o bordo é vertical ou reentrante, chegando a formar um ângulo agudo na parede externa; e a B com o bordo vertical, sobressaindo da parede, tendo por vezes uma canelura ou um ligeiro sulco na parede interna, ou na interna e na externa.

Aparece em jazidas do Mediterrâneo ocidental, oriental e costa atlântica e tem uma escassa representação nos da Europa continental; é a forma que tem uma maior presença nas jazidas peninsulares.

Data-se, a variante A, entre 325 e 400, e a B entre 400/420 e 450.

983.81.42 – Fragmento do bordo e da junção com a parede. Variante A. Pasta laranja-avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.81.47 - Fragmento do bordo e da junção com a parede. Variante A. Pasta avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.81.51 - Fragmento do bordo e da junção com a parede. Variante A. Pasta laranja-acastanhado, de textura média; engobe espesso e mate.

983.81.54 - Fragmento do bordo e da junção com a parede. Variante A. Pasta alaranjada de textura média; engobe espesso e mate.

983.81.56 - Fragmento do bordo e da parede. Variante A. Pasta laranja-avermelhada, de textura média e bem alisada; engobe espesso e mate.

983.81.81 - Fragmento do bordo e da parede. Variante A. Pasta alaranjada, de textura média e bem alisada; engobe espesso e semi-brilhante (tem engobe por fora e quase faz lembrar uma A).

983.86.3 - Fragmento do bordo e da parede. Variante B. Pasta alaranjada, mas bem alisada; engobe espesso e mate.

983.86.7 - Fragmento do bordo e da parede. Variante A. Pasta vermelho escuro, de textura média, bem alisada; engobe espesso e mate.

983.86.8 - Fragmento do bordo e da parede. Variante B. Pasta avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.90.35 – 2 fragmentos do bordo e da parede. Variante B. Pasta avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.90.40 - Fragmento do bordo e da parede. Variante A. Pasta avermelhada, textura média; engobe espesso e mate.

983.90.41 - Fragmento do bordo e da parede. Variante A. Pasta avermelhada, textura média; engobe espesso e mate.

983.90.42 - Fragmento do bordo e da parede. Variante A. Pasta avermelhada, textura média; engobe espesso e mate.

983.90.100 - Fragmento do bordo e da parede. Variante A. Pasta laranja, de textura média; engobe espesso e mate.

983.90.102 - Fragmento do bordo e da parede. Variante A. Pasta laranja, de textura média; engobe espesso e mate.

983.613.1 - Fragmento do bordo e da parede. Variante B. Pasta avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.616.34 - Fragmento do bordo e da parede. Variante B. Pasta avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.616.41 - Fragmento do bordo e da parede. Variante B. Pasta avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

Na coleção do MNA foram identificados 18 fragmentos classificáveis desta forma, dos quais apenas doze atribuíveis à variante A e seis à variante B.

As pastas variam entre o laranja até ao vermelho-acastanhado; apresentam textura média; os engobes são espessos e mates.

Hayes 64/Lamboglia 9A

A forma Hayes 64 corresponde a uma caçoila de grandes dimensões, com a parede mais ou menos esvasada e fundo plano ou, por vezes, com um pé atrofiado, apresentando, na união da parede com o fundo, uma reentrância na superfície externa e uma canelura na interna.

O bordo é indiferenciado da parede.

É uma forma escassamente documentada nas jazidas do Mediterrâneo.

Data-se de princípios meados do século V.

983.81.53 – Fragmento de bordo e parede. Pasta avermelhada de textura média; engobe espesso e mate.

983.81.83 - Fragmento de bordo e parede. Pasta laranja-avermelhada de textura média; engobe espesso e mate.

983.86.6 - Fragmento de bordo e parede. Pasta vermelho-acastanhada, grosseira; engobe muito espesso e mate.

983.86.40 – Pequeno fragmento de bordo e parede. Pasta vermelho-acastanhada grosseira; engobe espesso e mate.

983.616.18 – Dois fragmentos, que colam, de bordo e parede. Pasta vermelho-acastanhada um pouco grosseira; engobe espesso e mate.

Na colecção do MNA foram identificados 5 fragmentos classificáveis desta forma.

As pastas são avermelhadas, na maioria, vermelho-acastanhadas; apesentam texturas médias ou mais grosseiras; os engobes são espessos e mates.

Hayes 67/Lamboglia 42

A forma Hayes 67 corresponde a uma caçoila, de grandes dimensões, de paredes encurvadas. A base é plana apresentando uma moldura baixa combinada com uma canelura na extremidade para simular um pé. Sobre o fundo interno pode apresentar caneluras, simples ou múltiplas, enquadrando decoração estampada.

O bordo é articulado em duas zonas, uma plana e outra curva, que pode apresentar uma ou duas caneluras no seu extremo, o lábio é engrossado.

Tem uma ampla representação nas jazidas do Mediterrâneo ocidental, oriental e da costa atlântica.

Data-se entre 360 e 470.

983.81.22 – Dois fragmentos, muito pequenos, da extremidade curva do bordo, com uma canelura. Pasta alaranjada, muito fina e muito bem alisada; engobe fino e mate, quase impossível de distinguir da pasta.

983.81.23 – Fragmento do bordo, parte curva, com duas caneluras, e parte da parte plana. Pasta alaranjada, de textura mediana e bem alisada; a peça não foi lavada pois apresenta escrito a lápis – “Troia-Termas” – por letra que parece ser de Manuel Heleno.

983.81.40 – Fragmento do bordo, parte curva, com uma canelura, e parte da parte plana. Pasta laranja-avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.81.41 – Fragmento de bordo, com uma canelura, e de fracção muitíssimo pequena da parede. Pasta alaranjada, média e bem alisada; engobe mate.

983.81.46 – Fragmento de bordo, parte curva, com uma canelura. Pasta laranja-avermelhada, grosseira, mas dura e bem depurada; engobe quase impossível de distinguir da pasta.

983.81.49 - Fragmento do bordo, parte curva, com duas caneluras, e parte da parte plana. Pasta laranja-avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.81.50 – Fragmento, muito pequeno, da parte curva do bordo, com uma canelura. Pasta laranja-avermelhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.86.2 – Quatro fragmentos (que colam) de bordo, com uma canelura, e parede. Pasta vermelho-acastanhada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.86.4 – Fragmento de bordo parte curva, com uma canelura, e parte da plana. Pasta alaranjada, de textura média; engobe espesso e mate.

983.90.27 – Fragmento de bordo, com uma canelura, e parede. Pasta alaranjada, de textura média; engobe mate.

983.90.60 – Fragmento de bordo, parte curva, com duas caneluras. Pasta laranja, de textura média; engobe fino e lustroso.

983.90.61 – Fragmento de bordo, parte curva, com duas caneluras. Pasta laranja, de textura média; engobe fino e lustroso, em pontos em que se conservou. Pode ser a mesma peça que a anterior, embora não colem.

983.90.111 - Fragmento de bordo, com uma canelura, e parede. Pasta alaranjada, de textura média; engobe mate.

Na colecção do MNA foram identificados 13 fragmentos classificáveis desta forma, apenas três com fragmento de parede, os restantes só de bordo e, mesmo deste, quase todos, apenas da parte curva deste.

As pastas vão do laranja-avermelhado ao vermelho-acastanhado; apresentam pasta de textura média, geralmente bem alisada; engobes espessos e mates

Hayes 71 e 76

A forma Hayes 71 corresponde a uma tigela de pequenas dimensões. O pé é baixo e angular. A forma Hayes 76 a um grande prato de parede encurvada e base espalmada. Sobre o fundo interno caneluras demarcam a decoração estampada.

Apresentam ambos largo bordo em aba, com inclinação para o exterior e lábio espessado, de forma amendoada ou triangular, em alguns casos entalhado, e com caneluras na face externa.

Não é uma forma muito comum ainda que esteja bem distribuída. Está localizada em diferentes jazidas do Mediterrâneo ocidental, oriental e costa atlântica.

Data-se a forma 71, variante A, entre 375 e 400/420, e a variante B até inícios do século V; a forma 76, entre 360 e 475.

983.81.43 – Fragmento de aba do bordo de forma triangular. A pasta é laranja-avermelhada, de textura média; engobe é fino e mate.

983.81.86 - Fragmento de aba do bordo de forma triangular com duas nervuras na parte mediana. A pasta é alaranjada de textura média; engobe é espesso e baço.

983.81.87 – Fragmento de aba de forma triangular apresentando entalhes que formam denteado. A pasta é alaranjada, de textura fina; o engobe é espesso e mate.

983.618.3 - Fragmento de aba de forma triangular apresentando entalhes que formam denteado. A pasta é laranja-avermelhada, de textura fina; o engobe é espesso e mate.

Na colecção do MNA foram identificados 4 fragmentos classificáveis desta forma.

As pastas são laranja e laranja-avermelhadas; as texturas finas e médias; os engobes espessos e mates com uma excepção de engobe fino.

Hayes 91/Lamboglia 24/25, 38

A forma Hayes 91 corresponde a uma tigela de corpo de parede mais ou menos aberta, bordo arredondado e com uma aba na face exterior sob o bordo.

Hayes distingue quatro tipos, segundo a profundidade, o desenvolvimento da aba, o ter ou não caneluras internas e o tipo/qualidade da pasta. O *Atlante* acrescenta ainda mais variantes. Apresenta decoração a *feather-roullet* mais ou menos complexa. A forma A é bastante aberta, com pé baixo, bem recortado; a aba é larga e pendente, de perfil. A forma B é mais funda, com aba e lábio semelhante. A forma C é bastante mais funda, com lábio plano e aba mais pequena e arredondada. A forma D é uma versão pequena da anterior. Esta forma teve uma ampla comercialização como indica a sua presença em pontos do Mediterrâneo ocidental, costa atlântica e Europa continental.

Data-se, a variante A, em meados/finais do século V, a variante B de 450 a 530, a variante C, de 530 a 600, e a variante D, entre 600 a 650.

983.81.45 – Fragmento de bordo, aba e parede de H. 91A/B. A pasta é vermelha-acastanhada, grosseira; engobe espesso e mate.

983.81.82 - Fragmento de bordo, aba e parede de H. 91A/B. A pasta é avermelhada e de textura média, bem alisada; engobe espesso e semi-brilhante.

983.616.19 - Fragmento de bordo, aba e parede de H. 91A/B. Tem vestígios da decoração a guilhoché. A pasta é laranja, de textura média, muito bem alisada; engobe espesso e semi-brilhante.

983.616.37 - Fragmento de bordo, aba e parede de H. 91A/B. A pasta é laranja, de textura média, muito bem alisada; engobe espesso e semi-brilhante.

Na colecção do MNA foram identificados 4 fragmentos classificáveis desta forma.

As pastas vão do laranja ao vermelho-acastanhado; apresentam textura média, com uma excepção, de pasta grosseira; engobes espessos e mates ou semi-brilhantes.

Hayes 181/Lamboglia 9A

Esta forma, de Cerâmica de Cozinha Africana, corresponde a um grande prato de parede curva, com certa inclinação para o interior e fundo plano um pouco abaulado, apresentando uma ligeira canelura na junção da parede com o fundo. Deriva das formas de Verniz Vermelho Pompeiano

O bordo é indiferenciado da parede.

Apresenta-se engobado no interior.

Costuma apresentar-se enegrecida pelo fumo, de utilização culinária, na face externa.

Está muito documentada em todo o Mediterrâneo ocidental.

Data-se a partir do século II até aos inícios do século V.

983.81.80 – Fragmento de bordo e parede. Pasta vermelho-acastanhado e engobe espesso. Enegrecida no exterior.

3. A *terra sigillata* das termas no contexto da estação

Segundo Étienne, Makaroun e Mayet (1994) nas últimas produções de *terra sigillata* importadas por Tróia, a TSCID está muito bem representada, desde os inícios do século IV, sendo as outras produções tardias muito raras. As relações comerciais com o resto do mundo romano quase já não existiriam na segunda metade do século V.

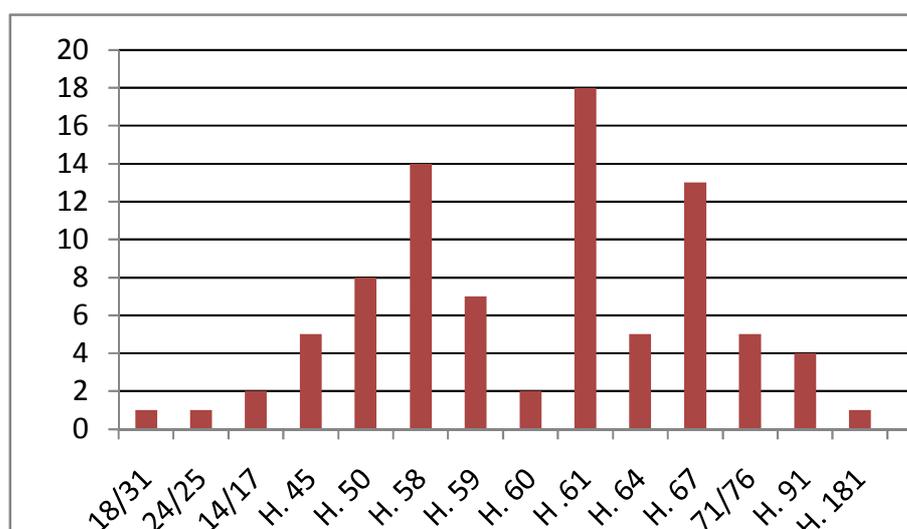
A série de pratos 62-64 está relativamente bem documentada; as formas 67 e 67/71 são particularmente abundantes; as tigelas das formas 80 e 81 estão também bem representadas; a forma 91 é a sexta em ordem de importância; as formas posteriores aos meados do século V são extremamente raras: 87, 104-105; a forma 99, típica do século VI, está totalmente ausente deste sítio.

Distribuição cronológica dos fragmentos classificáveis de *terra sigillata*

	50	100	150	200	250	300	350	400	450	500	550	600
Drag. 18/31	1											
Drag. 24/25	1											
Hayes 14/17				2								
Hayes 45					5							
Hayes 50					8							
Hayes 58						14						
Hayes 59						7						
Hayes 60							2					
Hayes 61						18						
Hayes 64							5					
Hayes 67							13					
Hayes 71/76									5			
Hayes 91									4			
Hayes 181		1										

O período melhor representado é o século IV.

Distribuição quantitativa dos fragmentos classificáveis de *terra sigillata*



Quantitativamente destaca-se a forma Hayes 61, seguida da Hayes 58 e da Hayes 67.

Relativamente ao estudo de Étienne, Makaroun e Mayet (1994) A forma 64, a mais abundante, está representada nas termas apenas com 5 fragmentos; o segundo lugar nesse estudo é ocupado pela forma 67 enquanto nas termas o segundo lugar pertence à forma 58; a 71/76 é a terceira em quantidade, mas nas termas a terceira melhor representada é a 67; as formas 80 e 81 estão ausentes nas termas; a forma 91 é apenas a nona melhor representada nas termas; as formas posteriores estão totalmente ausentes do complexo termal.

CONCLUSÕES

- **Termas privadas, semi-públicas ou públicas**

Existiria uma variedade de modos de produção e tipos de proprietários que terão estado envolvido, em franca proximidade em Tróia. Existiu aqui uma economia claramente urbana, onde homens livres ou libertos de posses mais ou menos modestas actuariam em nome individual, reunidos ou não em associações, ou em nome de patronos abastados e ausentes. Não parece haver um controlo estatal como na mineração, embora não seja de por totalmente de parte a possibilidade de aluguer da exploração das cetárias e das próprias das termas pelos proprietários dos edifícios.

Tal leva-nos à questão das termas privadas, semi-públicas ou públicas:

Este estabelecimento é relativamente modesto, portanto o seu proprietário e/ou os seus utilizadores também o seriam.

O argumento da existência de maus cheiros e insectos, junto de peixe em maceração, é suficiente para justificar que a elite, mesmo que modesta, deste *vicus* frequentasse espaços de lazer mais afastados das zonas laborais. Porém, a omnipresença de cetárias faz-nos pensar se haveria nesta península algum sítio suficientemente afastado dos maus cheiros e dos insectos. Este cheiro devia ser de tal forma habitual que a população já não se incomodaria com ele: se não trabalhava nas oficinas era delas que advinha a sua prosperidade. Tal não basta, no entanto, para justificar que um proprietário mais ou menos abastado tivesse o seu balneário paredes-meias com a fábrica, se de tal não tivesse absoluta necessidade (para poupar nas despesas de combustível, aproveitando o calor dos banhos para acelerar a fermentação dos molhos nas fábricas).

A utilização destas pelos trabalhadores parece plenamente justificada, mas a sua frequência pelo proprietário que aí poderia conviver com os seus clientes e acordar bons negócios no ambiente descontraído dos banhos também: estes proprietários não eram patrícios de costumes requintados mas burgueses habituados ao trabalho que vigiarium com os seus próprios olhos e no qual participariam pessoalmente, de forma mais ou menos permanente.

- **Ambivalência na utilização do calor.**

Não há nada que impeça uma sincronia na utilização do calor produzido: no aquecimento das termas e na criação de um ambiente de proximidade mais quente para acelerar o processo de fabrico dos molhos na fábrica; ou então uma diacronia de utilização do hipocausto: sabe-se que antes da fase visível das termas lhe preexistiram outras estruturas, o que é visível num abatimento do pavimento do *atrium* que permite vislumbrar uma construção anterior (um tanque ou cisterna): poderia ter existido antes do balneário uma fornalha destinada apenas à fábrica.

Sem que um dia sejam possíveis novas escavações ou, pelo menos, algumas sondagens, nada nos permite saber se antes destas termas existiram outras ou se, em algum momento, existiu aqui outra zona de preparados de peixe, servida por um *hipocaustum*, com em Cotta e Tahadar.

- **Datações.**

As termas terão estado em actividade do século II ao século V.

Aparentemente o balneário foi construído durante a segunda fase da oficina de produção, desconhecendo-se se se sobrepõe a um edifício termal anterior (Reis, 2004: 140). Tal parece ser confirmado pelo tipo de aparelho construtivo similar ao da maior parte dos muros da segunda e terceira fase de ocupação das fábricas que é construído com pedras de média e grande dimensão calçadas com fragmentos de tijolo.

As zonas aquecidas parecem ser mais antigas.

Não existem dúvidas de que à fase de utilização do conjunto termal actualmente visível, subjaz, pelo menos parcialmente, uma outra, em que, onde se localiza o actual *frigidarium* terá existido previamente um tanque ou cisterna. Uma sondagem (cf. Étienne, Makaroun e Mayet, 1994: 130), mostra subjacente ao pavimento do *frigidarium* essa estrutura. Esta preexistência explica o desvio desta secção do edifício para sudoeste e também o facto da margem oeste da piscina rectangular (T4c) ser bastante mais larga, relativamente às margens sul e este, pois trata-se da margem este da cisterna antiga, que foi adaptada como banco.

Em inícios do século III, época da primeira divisão das fábricas anexas, no tanque 1 da fábrica I foi instalado o *apodyterium* (5) das termas. Este tanque terá sido entulhado em finais do século II (Étienne, Makaroun e Mayet, p. 141) e anexado às termas pouco depois. Nessa altura as termas eram constituídas por *caldarium tepidarium* e *frigidarium*, talvez este último fosse recente mas de qualquer forma a passagem foi cortada nos muros. A passagem de acesso ao *atrium* do *frigidarium* tem a soleira, na sua metade meridional, constituída por grandes fragmentos de placas de mármore ou de brecha rosa, unidos por um “betão” cerâmico muito fino que parece ligado, e portanto contemporâneo, àquele com que se preencheram lacunas no mosaico do *atrium*. Poder-se-iam portanto situar estas reparações, no pavimento, também no início do século III.

A anexação do tanque 1 da fábrica como *apodyterium* será contemporânea da primeira reparação do pavimento do *tepidarium*, pois a passagem corta o muro (pelo que é anterior à sala) o revestimento de argamassa da soleira é idêntico ao utilizado na reparação das lacunas do pavimento de mosaico.

Em fase mais tardia construiu-se a grande sala a norte, a Sala dos Três Pilares, antes da última reparação do pavimento do *frigidarium* que recobre a soleira da porta de ligação entre os dois espaços.

A Sala dos Três Pilares constituiu o último acrescento ao conjunto termal. Não se sabendo ao certo quando foi construída, pode, no entanto, constatar-se que a passagem para o *frigidarium* está recoberta pelo último revestimento do *atrium* 4a, um “betão” cerâmico mais grosseiro, menos resistente que o precedente.

Na última fase de utilização das termas podemos constatar, três momentos, - não fases - de construção/utilização. Estas encontram relação nas reparações do pavimento do *frigidarium*: a primeiro, - do pavimento de mosaico -, em que o edifício é constituído por *caldarium*, *tepidarium* e *frigidarium*; a segunda, - de reparação do pavimento com um “betão” muito fino -, de anexação do *apodyterium*; a terceira - em que a reparação do pavimento é feita com “betão” grosseiro, - de construção da Sala dos Três Pilares e

de alargamento da porta do *frigidarium*, que deixa de ser porta de entrada directa no edifício e passa a passagem sem porta.

As termas terão deixado de funcionar quando cessou o funcionamento das oficinas, por meados do século V. Os materiais confirmam este facto pois a sua datação não ultrapassa os meados do século V.

